

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

JAQUELINE PARANHOS DA SILVA MORAIS

CONTRACEPÇÃO NA ADOLESCÊNCIA:
FACILITADORES NA APREENSÃO E COMPREENSÃO DE CONCEITOS

MACEIÓ
2014

JAQUELINE PARANHOS DA SILVA MORAIS

**CONTRACEPÇÃO NA ADOLESCÊNCIA:
FACILITADORES NA APREENSÃO E COMPREENSÃO DE CONCEITOS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática – Ensino de Biologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Hilda Helena Sovierzoski.

MACEIÓ

2014

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário Responsável: Valter dos Santos Andrade

M827c Morais, Jaqueline Paranhos da Silva.
Contraceção na adolescência: facilitadores na apreensão e compreensão
De conceitos / Jaqueline Paranhos da Silva Morais. – 2014.
90 f. : il. + cd.

Orientadora: Hilda Helena Sovierzoski.
Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) –
Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Programa de
Pós Graduação em Ensino de Ciências e Matemática. Maceió, 2016.

Bibliografia. f. 77-81.
Apêndices: f. 82-87.
Anexos: f. 88-90

1. Adolescentes - Contraceção. 2. Educação sexual - Adolescentes.
3. Educação sexual – Modelo didático. 4. Ensino – Meios auxiliares.
5. Estudantes – Escola pública. 6. Vídeo. I. Título.

CDU: 372.861.388

JACQUELINE PARANHOS DA SILVA MORAIS

**CONTRACEPÇÃO NA ADOLESCÊNCIA: FACILITADORES NA APREENSÃO E
COMPREENSÃO DE CONCEITOS**

Dissertação apresentada à banca examinadora como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática – Área de Concentração “Ensino de Biologia”, pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Alagoas, aprovada em 08 de setembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Hilda Helena Soviarzski
Orientadora e Presidente da banca
(ICBS/UFAL)



Prof.ª Dr.ª Giselle Rôças de Souza Fonseca
(IFRJ)



Prof.ª Dr.ª Edma Carvalho Miranda
(IQB/UFAL)



Prof.ª Dr.ª Mônica Dorigo Correia
(ICBS/UFAL)

Aos meus pais Cícera Paranhos da Silva e José Pedro da Silva e, ao meu amor, Benito Pereira de Morais (*in memoriam*), pai da maior riqueza que possuo nesta vida, o nosso pequeno príncipe, Yan Nickolas Paranhos de Morais, a eles dedico.

AGRADECIMENTOS

Ao supremo Deus, fonte de vida, sabedoria e amor, que nos deu a dádiva da vida, presenteou-nos com a liberdade, abençoou-nos com a inteligência e deu-nos a graça de lutarmos para concretizar nossos sonhos.

À Prof.^a Dr.^a. Hilda Helena Sovierzoski, por sua serenidade, dedicação, estímulo, profissionalismo e inestimável orientação dispensada para que fosse possível a elaboração e concretização deste projeto. Mais que uma orientadora, uma amiga, que partilhou sua vasta experiência na “construção do conhecimento” do educando incentivando-me a perseverar nesta árdua tarefa, o “ser professor”.

À Prof.^a Dr.^a. Monica Dorigo Correia pelas mais variadas orientações relacionadas às adversas vicissitudes que a vida nos possibilita.

Aos membros da banca examinadora, Prof.^a Dr.^a. Monica Dorigo Correia, Prof.^a. Dr.^a. Giselle Rôças Fonseca e Prof.^a. Dr.^a. Edma Carvalho Miranda, pela disponibilidade.

Aos meus colegas de turma do Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIM), Alana Priscila Lima de Oliveira, Anayara Gomes dos Santos, Antonia Givaldete da Silva, Catharina Adelino de Oliveira, Elian Sandra Alves de Araújo, Fabiano Rodrigues dos Santos, Flávio Fabiano Paciência Torres, Francisco Aureliano Vidal, José Ivan Oliveira de Freitas, Márcia da Silva Lima Luna, Marcos Antonio Pessôa Leite, Mariglene Jatobá Vieira de Oliveira, Rodrigo Medeiros Ferreira e Wanessa Padilha Barbosa Nunes que partilharam e colaboraram de alguma forma com meu sucesso profissional.

Aos funcionários dos demais setores que fazem parte da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), que participaram indiretamente da realização deste sonho, em especial, Mônica França da Silva Barros, secretaria do PPGECIM.

À Secretaria Estadual de Educação e Esporte do Estado de Alagoas (SEEE), à 13^a Coordenadoria Regional de Ensino (CRE), à Alexandra Pedrosa, à Sandra Duarte e aos que constituem a comunidade da Escola Estadual Prof.^a Ana Coelho Palmeira, especialmente à Tânia Maria da Silva, Jânio Cristiano Diniz, Edna Lopes, Maria Inês Lopes Duarte e Dorineide Paiva.

Aos alunos da Escola Estadual Prof.^a Ana Coelho Palmeira, que me acolheram e propiciaram humanamente o desenvolvimento do meu projeto sobre contracepção na adolescência nesta instituição.

Ao meu pai, José Pedro da Silva, que me proporcionou amor e educação, além da serenidade e da força para superar os momentos em que demonstrei desalento.

À minha mãe, Cícera Paranhos da Silva, incentivadora eterna, apoiadora e fã do meu trabalho. Pelas noites em que, mesmo estando em casa, me ausentava da vida do meu filho e ela assumia “meu compromisso”, brincando e contando histórias ao Yan Nickolas, para que pudesse dar continuidade a esta pesquisa. Sem minha mãe, essa realização profissional não se efetivaria.

Ao meu grande amor, Benito Pereira de Moraes (*in memoriam*), pela imensa dedicação ao meu lado durante abreviados dezesseis anos de cumplicidade, mostrando-me incansavelmente que os sonhos podem se concretizar.

Ao meu filho, Yan Nickolas Paranhos de Moraes, fruto de um intenso e verdadeiro amor, pela força inspiradora frente aos novos desafios, por quem eu tenho a certeza de que todo o sacrifício vale a pena para continuar a vida e pelos muitos momentos privados de minha companhia, porém, nunca do meu amor.

À minha irmã, Jária Cristina da Silva, ao meu irmão, Jailson Paranhos da Silva, pelo amor que me dedicam e as minhas sobrinhas trigêmeas Thailany (*in memorian*), Thalia e Thainá da Silva Araújo.

À minha prima Rosaline Paranhos, bibliotecária, pelas críticas construtivas na redação desta dissertação.

À Leila Pereira de Moraes que me apoiou durante o desenvolvimento deste trabalho na escola, tornando-o mais prazeroso durante a realização das etapas informativas.

A Maxwell Rodrigo de Góes Silva, pelas horas dedicadas com afinco a me auxiliar na edição do vídeo.

Aos mestres, por semearem sonhos ao se dedicarem a árdua tarefa secular, o ser professor, por abdicar da sua relação social em prol daqueles que ainda se mostram sedentos do conhecimento.

Eu vejo a vida melhor no futuro
Eu vejo isso por cima de um muro
De hipocrisia que insiste em nos rodear
Eu vejo a vida mais clara e farta
Repleta de toda satisfação
Que se tem direito do firmamento ao chão

Eu quero crer no amor numa boa
Que isso valha pra qualquer pessoa
Que realizar a força que tem uma paixão

Eu vejo um novo começo de era
De gente fina, elegante e sincera
Com habilidade
Pra dizer mais sim do que não, não, não

Hoje o tempo voa, amor
Escorre pelas mãos
Mesmo sem se sentir
Não há tempo que volte, amor
Vamos viver tudo que há pra viver
Vamos nos permitir

Eu vejo um novo começo de era
De gente fina, elegante e sincera
Com habilidade
Pra dizer mais sim do que não, não, não

Hoje o tempo voa, amor
Escorre pelas mãos
Mesmo sem se sentir
Não há tempo que volte, amor
Vamos viver tudo que há pra viver
Vamos nos permitir

RESUMO

O número de gestantes adolescentes diminuiu nos últimos anos no Brasil, de acordo com os dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. No entanto, nota-se que ainda se faz necessário intensificar a instrução dos adolescentes acerca da contracepção, a fim de prosseguir de modo abreviado a redução desses números. Conhecidamente as comunidades pobres possuem maior número de casos de adolescentes grávidas, influenciando diretamente na evasão e baixo nível de escolaridade destas alunas e geralmente acarretando problemas de saúde para mãe e/ou filho, uma vez que o corpo das meninas ainda se encontra em formação. O objetivo desse trabalho foi de transmitir conceitos relativos a contracepção na fase da adolescência, tanto para alunos quanto para alunas, no sentido de promover, através da informação, a diminuição de casos de alunas adolescentes grávidas, alunas da escola pública pesquisada, em Maceió, Alagoas. Apresentam-se dois artigos, o primeiro intitulado “Atitudes, atividades e modelos didáticos: uso em contracepção na adolescência em escola pública de Maceió, Alagoas”, enquanto o segundo possui o título “O uso de vídeo educativo para prevenção da gravidez na adolescência”. Foi utilizada nesta dissertação a pesquisa quantitativa e descritiva. O público alvo consistiu em alunos de duas turmas de 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual de Alagoas, localizada em bairro da periferia de Maceió. Optou-se pelo uso de questionários, com respostas objetivas para as dez questões formuladas. Definiu-se a aplicação de três questionários, com questões diferenciadas em cada um, em diferentes etapas do desenvolvimento desta pesquisa. Um desses foi aplicado anteriormente a intervenção pela professora, o segundo após a intervenção na forma de palestras e de produção de material didático pelos próprios alunos e o terceiro, que foi aplicado após os alunos assistirem ao produto educacional, o vídeo educativo. Para o levantamento do conhecimento prévio dos alunos sobre o tema gravidez na adolescência foi possível perceber que a maioria dos estudantes possui opinião formada, compreendendo a importância do método contraceptivo, seja no planejamento familiar, seja para evitar doenças sexualmente transmissíveis. Ainda observou-se que os alunos responderam que os métodos contraceptivos devem ser utilizados de forma responsável. Buscou-se estimular um trabalho com a importância da implantação de um processo informativo, ao longo da vida escolar do aluno, a fim de melhorar o conhecimento sobre contracepção na adolescência. Com as palestras e a construção de modelos didáticos, elaborados pelos alunos, percebeu-se o interesse na construção e consolidação de conceitos e de informações relacionados ao tema, a partir da utilização de materiais reutilizáveis e de baixo custo, disponíveis em sua maioria dentro das próprias residências dos alunos. Finalizando as atividades, elaborou-se um vídeo didático sobre contracepção, como ferramenta diferenciada na escola pesquisada. Registrou-se o impacto que esse produto causou na aprendizagem e re/formulação de conceitos com as respostas do terceiro questionário. O assunto de contracepção, principalmente abordado na adolescência e dentro da escola, pode e deve ser tratado como assunto natural e extremamente importante, levando-se em consideração o contexto social, cultural e econômico nos quais os estudantes vivem. Desta forma pode-se estimular o raciocínio e o livre arbítrio dos estudantes, para o enriquecimento das aulas e melhor formação de cidadãos.

Palavras-chave: Adolescência. Contracepção. Modelo didático. Vídeo. Escola pública.

ABSTRACT

The number of pregnant teens has declined in recent years in Brazil, according to the statistics of Brazilian Institute of Geography and Statistics. However, we note that it is still necessary to intensify the education of adolescents about contraception in order to pursue so abbreviated reducing these numbers. Notoriously poor communities have more cases of teenage pregnancies, directly influencing the dropout and low level of education of these students and generally causing health problems for mother and / or child, as the girl's body still lies in training. The aim was to convey concepts related to contraception in adolescence, both for students and for students, to promote, through education, the reduction of cases of teenage pregnancies students, public school students surveyed in Maceió, Alagoas. We present two articles, the first entitled "Attitudes, activities and didactic models: use in contraception in adolescence in public school in Maceió, Alagoas", while the second has the title "The use of educational video for prevention of teenage pregnancy". Quantitative and descriptive research was used in this dissertation. The audience consisted of students from two classes of 6th. grade of elementary school in a state school in Alagoas, located on the outskirts of Maceió neighborhood. We opted for the use of questionnaires with objective answers to the ten questions asked. Defined the application of three questionnaires, with different issues in each, in different stages of development of this research. One such intervention was previously applied by the teacher, the second after the intervention in the form of lectures and production of teaching materials by the students themselves and the third, which was applied after students attend the educational product, the educational video. To survey the students' prior knowledge about the topic teenage pregnancy was observed that most students have formed opinion, understanding the importance of contraception, whether in family planning, is to prevent sexually transmitted diseases. It was also observed that students responded that contraceptive methods should be used responsibly. We attempted to stimulate a job with the importance of implementing an information process throughout school student's life in order to improve knowledge about contraception in adolescence. With the talks and the construction of didactic models prepared by students, it was noticed the interest in the construction and consolidation of concepts and information related to the subject, from the use of reusable materials and low cost, available mostly within own homes of students. Finalizing activities, elaborated a teaching video about contraception, as differentiated tool in the school studied. Recorded the impact this product has had on learning and re / formulation of concepts with the answers of the third questionnaire. The issue of contraception, especially in adolescence and addressed within the school, can and should be treated as natural and extremely important issue, taking into consideration the social, cultural and economic context in which students live. This way you can stimulate thought and free will of the students to enrich lessons and better training of citizens.

Keywords: Adolescence. Contraception. Didactic model. Video. Public school.

LISTA DE FIGURAS

ATITUDES, ATIVIDADES E MODELOS DIDÁTICOS: USO EM CONTRACEPÇÃO NA ADOLESCÊNCIA EM ESCOLA PÚBLICA DE MACEIÓ, ALAGOAS

Figura 01	Caracterização da faixa etária dos alunos entrevistados em ambas as turmas.	26
Figura 02	Conhecimento prévio dos alunos a respeito de contracepção.	27
Figura 03	Primeiras informações obtidas pelos alunos a respeito da contracepção.	28
Figura 04	Interesse dos alunos na obtenção do conhecimento relacionado à contracepção.	28
Figura 05	Capacidade dos alunos entrevistados em definir contracepção.	29
Figura 06	Consideração dos alunos sobre a importância do conhecimento a respeito da contracepção.	30
Figura 07	Compreensão dos alunos sobre a finalidade da contracepção.	30
Figura 08	Opinião dos alunos sobre a contribuição da contracepção na promoção da saúde do indivíduo.....	31
Figura 09	Quem decide sobre o uso dos contraceptivos na relação.	32
Figura 10	Classificação etária e por sexo dos alunos de ambas as turmas de uma escola pública de Maceió, Alagoas.	35
Figura 11	Fazer uso de métodos contraceptivos é importante para a saúde do indivíduo.....	35
Figura 12	Fazer uso de métodos contraceptivos é obrigatório.	36
Figura 13	Informações obtidas podem influenciar na utilização correta dos métodos.	37
Figura 14	A informação e a utilização do preservativo.....	37
Figura 15	A idade correta para iniciar a atividade sexual.	38
Figura 16	Qualquer pessoa pode utilizar quaisquer métodos contraceptivos. ...	39
Figura 17	Importância de uma consulta com um hebiatra antes da primeira relação sexual.....	40
Figura 18	Indicação do contraceptivo de acordo com o sexo.	41

USO DE VÍDEO EDUCATIVO SOBRE CONTRACEPÇÃO PARA A PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ

Figura 1	Caracterização da faixa etária dos alunos envolvidos na pesquisa durante a apresentação do vídeo.	60
Figura 2	O vídeo apresentado esclarece dúvidas sobre a contracepção.	60
Figura 3	Contribuição do vídeo educativo apresentado para a fixação do conteúdo.	61
Figura 4	O nível de informações apresentadas no vídeo e seu poder de persuasão sobre a minha decisão em utilizar quaisquer métodos contraceptivos.	62
Figura 5	As pessoas se esquecem de por em prática o conhecimento sobre a utilização do contraceptivo.	63
Figura 6	As imagens utilizadas no vídeo foram satisfatórias para a apreensão do conteúdo sobre contracepção.	64
Figura 7	A relevância da entrevista com um especialista durante a exposição do vídeo.	65
Figura 8	A linguagem e a narrativa apresentada ao longo do vídeo foram de fácil compreensão.	66
Figura 9	As imagens, textos, entrevista e trilha sonora foram essenciais para a assimilação do conteúdo.	67

LISTA DE TABELAS

ATITUDES, ATIVIDADES E MODELOS DIDÁTICOS: USO EM CONTRACEPÇÃO NA ADOLESCÊNCIA EM ESCOLA PÚBLICA DE MACEIÓ, ALAGOAS

Tabela 1	Informações existentes entre os alunos do sexo masculino – “O conhecimento prévio”	32
Tabela 2	Informações existentes entre os alunos do sexo feminino – “O conhecimento prévio”	33
Tabela 3	Caracterização das informações existentes entre os alunos do sexo masculino – “O conhecimento construído a partir de modelos didáticos”	41
Tabela 4	Caracterização das informações existentes entre os alunos do sexo feminino – “O conhecimento construído a partir de modelos didáticos”	42

O USO DO VÍDEO EDUCATIVO PARA A PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Tabela 1	Caracterização das informações existentes entre alunos do sexo masculino de ambas as turmas – “O uso do vídeo educativo a prática contraceptiva para evitar gravidez na adolescência”	67
Tabela 2	Caracterização das informações existentes entre alunos do sexo feminino de ambas as turmas – “O uso do vídeo educativo a prática contraceptiva para evitar gravidez na adolescência”	68

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	14
2 ATITUDES, ATIVIDADES E MODELOS DIDÁTICOS: USO EM CONTRACEPÇÃO NA ADOLESCÊNCIA EM ESCOLA PÚBLICA DE MACEIÓ, ALAGOAS	
2.1 INTRODUÇÃO	17
2.2 Metodologia	22
2.3 Resultados	26
2.4 Discussão	44
2.5 Considerações Finais	47
REFERÊNCIAS	49
3 O USO DO VÍDEO EDUCATIVO PARA A PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA	
3.1 Introdução	55
3.2 Metodologia	58
3.3 Resultados	59
3.4 Discussão	69
3.5 Considerações Finais	71
REFERÊNCIAS	72
4 CONSIDERAÇÕES GERAIS	73
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICE A – Questionário 1	82
APÊNDICE B – Questionário 2	84
APÊNDICE C – Questionário 3	86
ANEXO A – Aprovação do Projeto pelo Comitê de Ética da UFAL	88
ANEXO B – Licença para uso direitos autorais da música	90

1 APRESENTAÇÃO

Os dados relativos ao número de adolescentes gestantes nos últimos sete anos, no Brasil demonstraram redução significativa, quando comparados com anos anteriores. Relacionando estes valores com os índices de evasão escolar, verificou-se a interrupção ou abandono dos estudos em decorrência da gravidez inesperada (BRASIL, 2009).

No período entre 2008 e 2011 os resultados do sistema de saúde pública revelaram que 26% dos casos de gravidez no país tratavam de adolescentes. Comparando-se os números entre os estados brasileiros, verificou-se o registro de 27,4% casos para Alagoas, na faixa etária entre 10 e 19 anos de idade. No entanto, para o mesmo estado, entre os anos de 2000 e 2009, registrou-se redução para 27,62% de casos de adolescentes grávidas, num total de 3.633 casos para Maceió (BRASIL, 2011).

Os três últimos censos demográficos, de 1991, 2000 e 2010, do Atlas do Desenvolvimento Humano dos Municípios brasileiros, demonstraram que, no Brasil, os valores de adolescentes grávidas entre 10 e 14 anos estiveram compreendidos de 0,23% a 0,44%, enquanto que a faixa etária seguinte, de 15 a 17 anos, apresentou valores entre 6,00%, aumentando para 8,49% e diminuindo em 2010 para 6,94%. Em comparação com os dados para Alagoas, observou-se aumento na faixa etária de 10 a 14 anos, com 0,29% no final do século XX, 0,60% no início do século XXI e 0,62% na última década. A faixa etária de adolescentes com 15 a 17 anos revelou decréscimo de registros de gravidez na adolescência na última década, passando de 7,06% para 10,37% e finalmente para 9,35% (PNUD, 2013).

Embora os índices sejam reduzidos, percebe-se a necessidade em trabalhar projetos que mantenham como foco os adolescentes, no sentido mais amplo da complexidade para o significado do ser adolescente, principalmente no que concerne a gravidez nessa etapa da vida. Dessa forma, o escopo do presente trabalho baseou-se na transmissão de conceitos, no sentido de orientar a contracepção na fase da adolescência, em uma escola da rede estadual do município de Maceió, Alagoas. A dissertação foi redigida em formato de artigos.

O primeiro artigo, intitulado “**ATITUDES, ATIVIDADES E MODELOS DIDÁTICOS: USO EM CONTRACEPÇÃO NA ADOLESCÊNCIA EM ESCOLA PÚBLICA DE MACEIÓ, ALAGOAS**”, teve como objetivo avaliar o conhecimento dos

estudantes referente à temática proposta, tendo sido considerada a informação tanto de rapazes quanto de garotas.

Realizou-se um levantamento prévio com alunos de duas turmas da 6^a. série do Ensino Fundamental numa escola pública de Maceió, Alagoas, para saber qual a informação que possuíam, antes de qualquer interferência da professora em sala de aula, sobre gravidez na adolescência. Com base nos dados obtidos em dois questionários aplicados, tornou-se possível estabelecer as noções que os estudantes possuíam quanto a gravidez precoce e a relação com o nível socioeconômico das famílias.

Para o desenvolvimento desse artigo considerou-se ainda a proposta de Galagovsky e Adúriz-Bravo (2001), tendo como atividade prática estimulante a construção de modelos, criados pelos próprios alunos, para a elaboração e consolidação de assuntos relacionados à contracepção na adolescência, a partir da utilização de materiais reutilizáveis e de baixo custo. O modelo didático criado proporcionou ao adolescente a visualização dos sistemas reprodutores humanos, masculino e feminino, utilizando os conceitos referentes à contracepção relacionada ao próprio indivíduo e no âmbito social. Esse modelo foi construído e utilizado sob a orientação da professora. Esse artigo já foi submetido para a Revista Alexandria.

O segundo artigo, intitulado: **“O USO DO VÍDEO EDUCATIVO PARA A PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA”** foi elaborado com utilização do vídeo como elemento facilitador, tanto da compreensão quanto da apreensão do conteúdo sobre contracepção na adolescência. A produção desse recurso tecnológico deu-se a partir das dúvidas dos alunos a respeito da utilização de métodos contraceptivos na adolescência, após a aplicação do segundo questionário.

Tanto para a produção quanto para a elaboração desse recurso considerou-se inicialmente o conhecimento prévio do aluno. A partir desses dados buscou-se nas fontes de domínio público as imagens, esquemas e música, a fim de ser preparado o vídeo. Ressalta-se ainda que de acordo a proposta de Morán (2007) as tecnologias atuam como fontes que levam o mundo à sala de aula e vice-versa. O vídeo é uma das diferentes possibilidades que se tem em representar a realidade, seja de forma abstrata ou concreta. Pode estar estático ou dinâmico, combinando linearidade e paralelismo, possibilitando para todos os sentidos humanos a melhor apreensão da realidade e o desenvolvimento de todas as potencialidades do aluno, dos diferentes tipos de inteligência, habilidades e atitudes.

2 ATITUDES, ATIVIDADES E MODELOS DIDÁTICOS: USO EM CONTRACEPÇÃO NA ADOLESCÊNCIA EM ESCOLA PÚBLICA DE MACEIÓ, ALAGOAS.

RESUMO

Embora o número de gestantes na adolescência tenha diminuído nos últimos anos no Brasil, nota-se que se faz necessário intensificar a instrução do adolescente acerca da contracepção, a fim de prosseguir de modo abreviado à redução desses números. Objetivou-se levantar qual o conhecimento prévio dos alunos sobre contracepção na adolescência. A partir da aplicação de um questionário estruturado, em duas turmas da 6ª. série do Ensino Fundamental, numa escola da rede estadual em Maceió, capital de Alagoas, foi possível constatar que, dentre os 55 alunos pesquisados, a maioria compreende a importância do método contraceptivo no planejamento familiar, para evitar doenças sexualmente transmissíveis e ainda que os métodos contraceptivos devam ser utilizados de forma responsável. Essa pesquisa demonstrou que, apesar dos adolescentes reconhecerem a importância da contracepção na adolescência, há necessidade da implantação de um processo informativo, ao longo da vida escolar do aluno, a fim de favorecer o conhecimento que norteie a gravidez responsável.

Palavras-chave: Adolescência. Conhecimento prévio. Contracepção. Modelo didático. Escola pública.

ABSTRACT

ATTITUDES, AND MODELS TEACHING ACTIVITIES: USE CONTRACEPTION IN ADOLESCENT IN PUBLIC SCHOOL OF ALAGOAS.

Although the number of teenage mothers has decreased in recent years in Brazil, we note that it is necessary to intensify the education of adolescents about contraception in order to pursue an abbreviated way to reduce those numbers. Aimed to raise which the students' prior knowledge about contraception in adolescence. From the application of a structured questionnaire in two classes of 6th. grade of elementary school, a state school in Maceio, capital of Alagoas, it was found that among the 55 students surveyed, the majority understands the importance of contraception in family planning to avoid sexually transmitted diseases and that the methods contraceptives should be used responsibly. This research demonstrated that while adolescents recognize the importance of contraception in adolescence, there is need for the establishment of an information process throughout school student's life in order to foster knowledge that guides responsible pregnancy.

Keywords: Adolescence. Prior knowledge. Contraception. Didactic model. Public school.

2.1 Introdução

Alguns termos utilizados neste artigo podem causar confusão, o que parece ocorrer com Educação Sexual e Orientação Sexual. Aliados a estas duas terminologias misturam-se sexualidade, que abrangem o tema gravidez na adolescência. Altmann (2007) comenta as razões da confusão que ocorre para as pessoas ao serem indagadas sobre cada um. Nessa pesquisa adotou-se cada uma dessas terminologias voltadas para a contracepção na fase da adolescência, preocupando-se em apresentar as ideias dos autores.

Desde o início do século XX, a sociedade tem discutido sobre a sexualidade do adolescente, mas somente a partir de 1970, esta temática passou a ser incluída nos currículos escolares. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei nº 9.394/96, regulamentou ser dever da família e do Estado, principalmente, beneficiar de forma cabal o desenvolvimento e bem-estar do aluno, como consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), os quais tratam a Orientação Sexual como tema transversal.

Em 1980, estudos relevantes sobre o tema acima mencionado intensificaram-se, em virtude da necessidade em orientar os adolescentes sobre a gravidez precoce, as doenças sexualmente transmissíveis (DST) e principalmente pelo risco de contaminação através do vírus HIV (vírus da AIDS) (BRASIL, 1997). Neste artigo os aspectos de sexualidade, de Orientação Sexual e de Educação Sexual do adolescente serão tratados sob a ótica da contracepção na adolescência.

Em 1995, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) foi designado o órgão responsável pela coordenação e elaboração dos PCN, a serem analisados pelo Conselho Nacional de Educação. Entretanto, somente em 1997 o MEC propôs os PCN para abranger o Ensino Fundamental e o Ensino Médio em território nacional. Com a justificativa da ocorrência da gestação cada vez mais precocemente entre as adolescentes e o aumento de soropositivos, os PCN sugeriram a inclusão, nos currículos escolares, da Orientação Sexual como tema transversal (SUPLICY, 1999).

As dificuldades em trabalhar com o tema que envolva a sexualidade do ser humano, nos dias de hoje, ainda têm causado grande preocupação para os profissionais da área de educação. A discussão sobre a necessidade de apresentar a Orientação Sexual deveria estar superada, pois são notórias as consequências que a falta de informação sobre esta temática traz para a sociedade. Assim, esse

processo deve estar inserido num contexto transversal e contínuo (BRASIL, 1997; FURLANI, 2003 apud LOURO et al., 2003; CASTRO et al., 2004).

Na fase da adolescência, segundo Camargo e Botelho (2007, p. 2), “[...] o indivíduo encontra-se em situação de aprendizagem, estando mais aberto que os adultos à adoção de novos comportamentos [...]”. No entanto, torna-se necessário tratar sobre contracepção nos dias atuais, uma vez que este assunto é parte intrínseca do indivíduo, principalmente na fase da adolescência, quando ocorrem mudanças de comportamento com características peculiares (ALMEIDA; CENTA, 2009).

Considerando a temática concernente à sexualidade, esta deve ser abordada entre crianças e adolescentes pelos pais, embora seja imprescindível que este assunto seja trabalhado em outros ambientes de convivência, sobretudo na escola onde ocorrem inúmeras mudanças no que tange as relações afetivas, desde a relação como o ficar, assim como as primeiras paixões. Com relação às mudanças sexuais ocorridas durante a adolescência, sabe-se que as inquietudes dos alunos encontram-se sempre presentes nas salas de aula, mas raramente são consideradas importantes pelos professores. Porém, existem formas de discutir sobre sexo sem causar tanta excitação nos estudantes, buscando as questões teóricas e a compreensão por parte deles, pois conduzem as novas certezas e, conseqüentemente, a novos caminhos (PINTO, 1997).

Cada indivíduo encontra-se inserido no processo de Educação Sexual, seja através de experiências, atitudes ou informações recebidas sobre sexo. Neste contexto, essa forma de educação vem sendo definida como um processo informal, que se inicia no contexto familiar e se desenvolve ao longo da vida do indivíduo. Tais experiências permitem incorporar valores, símbolos, preconceitos e ideologias, podendo sofrer interferência da família, da mídia, da ciência, dos costumes e ainda, da escola. Entretanto, a Educação Sexual significa muito mais do que a instrução a respeito dos fenômenos reprodutivos, tidos como princípios biológicos e fisiológicos (GTPOS, 1994).

A Orientação Sexual também se refere a um processo formal e sistemático, que auxilia na promoção da reflexão sobre a sexualidade, propõe preencher as lacunas de informações e erradicar os preconceitos, permitindo a abertura de discussões sobre a vivência e os valores, tendo como objetivo primordial o bem

estar sexual dos indivíduos, tornando a sexualidade prazerosa e responsável (SUPLICY et al., 1998).

Assumir a responsabilidade de discutir e de divulgar o tema, ou qualquer outro assunto que se refira à sexualidade, tem sido trabalho realizado por profissionais de diversas áreas do conhecimento. O desenvolvimento do processo de Orientação Sexual na escola, devido à preocupação dos educadores com o crescimento da gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco da contaminação pelo HIV (vírus da AIDS) entre os jovens, justifica a inclusão da temática sexualidade nos currículos escolares (BRASIL, 1998).

Sabe-se que a gravidez na adolescência implica num grau elevado de risco para a mãe e para a criança, especialmente junto as classes populares, com diversos impactos econômico, educacional-escolar e social (OLIVEIRA, 1998). Existe um elevado número de adolescentes que interromperam os estudos devido à gravidez, decorrente do desinteresse da própria adolescente pelos estudos, acarretando baixo desempenho escolar e várias repetências, muitas vezes associada ao despreparo da escola com relação ao assunto (COSTA et al., 1995; AQUINO et al., 2003; SABROZA et al., 2004).

Tratar sobre a temática que se refira à sexualidade na escola é imprescindível, pois existe a necessidade de informar e tirar as dúvidas dos alunos, os quais precisam conhecer cientificamente o que acontece com o próprio corpo. Para muitas famílias este assunto ainda é tabu, sendo que a escola precisa assumir e abordar temas relacionados com esse, como a utilização correta dos contraceptivos, camisinha feminina e masculina, pílula e esterilização (laqueadura tubária e vasectomia). Isto porque o sexo está presente na vida de qualquer ser humano, sendo cada vez mais cedo e frequente o número de crianças e adolescentes que estão descobrindo a sexualidade e os limites do próprio corpo. Entretanto, entrevistas com gestantes adolescentes identificaram um perfil da gravidez na adolescência distinta do conceito de gestação imprevista, indesejada ou conflituosa (MONTARDO, 2004).

Neste contexto, a sexualidade deve ser vista como um aspecto da personalidade do indivíduo, devendo a Orientação Sexual ser integrada na educação dos adolescentes, de forma participativa e construtiva, onde o contexto sexual faça parte do diálogo comum, da forma mais natural possível, entre a escola e os membros da família. Na análise dos discursos de professoras, constatou-se que

os projetos de educação para a sexualidade desenvolvidos nas escolas foram em geral trabalhados nas aulas de ciências, quando os professores incluem conteúdos relacionados à reprodução humana (BORDINI, 2012).

Mendonça e Santos (2011, p. 2) corroboram com Predebon e Del Pino (2009, p. 238), ao destacarem que muitos professores colocam dificuldades nas atividades diárias em sala de aula ao relatarem o seguinte extrato:

[...] muitas dessas dificuldades venham da própria formação de professor, pois não há muitos espaços nos cursos de licenciaturas para a vivência em novas práticas, apesar de tê-las estudado. Com isso, se percebe que a resistência em utilizar materiais didáticos vem dentro de outras coisas, da insegurança em aplicá-las e o medo de desvincular-se do quadro e do giz [...]

É importante apresentar uma proposta didática diferente na sala de aula, para instigar nos alunos o aprendizado, proporcionar maior interação social, para um melhor entendimento e fixação do assunto. Souza (2007, p. 111) destaca que:

“O professor deve ter formação e competência para utilizar os recursos didáticos que estão a seu alcance e muita criatividade, ou até mesmo construir juntamente com seus alunos, pois, ao manipular esses objetos a criança tem a possibilidade de assimilar melhor o conteúdo. Os recursos didáticos não devem ser utilizados de qualquer jeito, deve haver um planejamento por parte do professor, que deverá saber como utilizá-lo para alcançar o objetivo proposto por sua disciplina”.

Além da utilização e ainda, com a diversificação no emprego dos recursos didáticos-educacionais dentro e ou fora de sala de aula, o professor tem maior probabilidade de verificar e conseqüentemente avaliar se realmente a teoria e/ou conceitos explorados foram de fato, assimilados pelos estudantes. O emprego dos recursos audiovisuais possibilita dentre os fatores outrora referenciados, maior predisposição ao aluno em elaborar e discorrer sobre conceitos relativos ao conteúdo exposto de forma dinâmica, do que de forma somente textual, uma vez que, este sujeito torna-se mais envolvido pelo conteúdo. A este respeito Silva e Oliveira (2010, p. 1 - 2) ressaltam que:

O uso dos recursos midiáticos, em especial o vídeo, inegavelmente, possibilita o despertar da criatividade à medida que, estimula a construção de aprendizados múltiplos, em consonância com a exploração da sensibilidade e das emoções dos alunos, além de contextualizar conteúdos variados. A partir desse conjunto de possibilidades, o educador pode conduzir o educando a aprendizados

significativos que fomentem princípios de cidadania e de ética.

O vídeo quando utilizado como recurso didático-pedagógico poderá auxiliar na transferência de situações, experiências, demonstrações, sons, imagens e fatos para o campo da consciência, ainda, favorecer uma melhor interação entre professor e aluno. Silva e Oliveira (2010, p. 6) ressaltam que “os recursos audiovisuais podem favorecer o processo educativo de maneira significativa, contribuindo desta maneira com a formação integral do aluno”.

Em consonância Anacleto, Michel e Otto (2007, p. 22) destacam o seguinte:

[...] novas mídias surgem a cada dia, e sob este contexto o ensino deve também sofrer avanços, adaptar-se as novas linguagens e formas de conhecimento, assim como se tornar mais atraente, dinâmico e que facilite o processo da aprendizagem dos educandos, sob este aspecto, novas mídias educacionais ganham destaques, ou ainda mídias seculares ganham nova importância educacional, entre as quais está o cinema, que pode ser um poderoso instrumento de apoio magistério.

Trivelato e Oliveira (2006, p. 2) compartilha do pensamento de que “[...] a utilização dos recursos didáticos pedagógicos diferentes dos utilizados pela maioria dos professores (quadro e giz), deixam os alunos mais interessados em aprender [...]”, pois ao utilizar um jogo, um filme ou uma dinâmica em grupo, por exemplo, estimula os alunos a expressarem suas opiniões, entrando em contato com os conhecimentos de todos na turma. Conseqüentemente mobiliza entre os alunos sentimentos de participação, desenvolve a capacidade de observação, de motivação e de fixação de aprendizagem.

Alguns destes instrumentos didático-pedagógicos utilizados por professores podem ser tratados como modelos. Lima e Nuñez (2004, p. 247), discutem sobre

“[...] uma representação da realidade, que permite, no campo científico, descobrir e estudar novas relações e características do objeto de estudo, sendo representações provisórias e limitadas, em virtude da complexidade dos fenômenos que buscam representar [...]”

Segundo Santos et al. (2008, p.1), quanto a utilização e “a configuração do modelo didático, afirmam se tratar de importante ferramenta, que pode auxiliar o professor a estabelecer vínculos entre a abordagem teórica e sua prática docente”. Desse modo, o uso de qualquer outra modalidade didática implicará, por parte do professor, algum esforço, que na maioria das vezes também dependerá de outros

agentes da escola, para viabilizar e disponibilizar os materiais, instalações e equipamentos (LEPIENSKI, 2009, p.2).

Diante dos pressupostos anteriormente apresentados, em se tratando da inserção do tema transversal, no que concerne a orientação sexual, a utilização de recursos pedagógicos, outrora citados o vídeo e os modelos didáticos-pedagógicos como ferramentas imprescindíveis para a consequente apreensão de conceitos.

Foi nesse âmbito que essa pesquisa objetivou a realização de um levantamento sobre qual o nível de informação acerca do conhecimento sobre contracepção na adolescência dos alunos de duas turmas de 6º ano do Ensino Fundamental, numa escola da rede estadual em Maceió, Alagoas, a fim de possibilitar para os alunos o acesso de informações precisas sobre a contracepção, dentro de sala de aula e perante a responsabilidade que representa a gravidez precoce.

2.2 Metodologia

Respeitando-se os princípios éticos legais fundamentados na Resolução do Conselho Nacional de Saúde CNS nº.196/96, essa pesquisa foi apresentada ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Alagoas e aprovada de acordo com o parecer do processo nº022213/2011-02.

A aplicação dos questionários junto aos alunos foi condicionada a concordância por escrito dos responsáveis legais dos estudantes, que assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) da pesquisa, sendo esse termo também assinado pela professora.

Trata-se de uma pesquisa participativa, considerada como pesquisa-ação, de acordo com a proposta de Gil (2002), ou seja, a professora de ciências (pesquisadora-autora) interage com os alunos (sujeitos da pesquisa) no ambiente da sala de aula, com a abordagem sobre a importância da utilização de modelos didáticos na compreensão e apreensão do conhecimento científico, acerca da temática contracepção na adolescência.

A amostra para a realização desse trabalho está relacionada ao número de alunos regularmente matriculados no 6º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública estadual no município de Maceió, Estado de Alagoas.

A escolha por duas turmas do período matutino, denominadas A e B, deu-se em virtude de serem consideradas com maior índice de frequência entre as quatro turmas de 6º série da instituição, e o fato de ser esta a fase da transição entre a infância e a idade adulta, em que os estudantes necessitam de muitas informações relacionadas à contracepção.

Na primeira etapa do desenvolvimento desse trabalho, participaram cinquenta e cinco alunos, distribuídos em duas turmas, possibilitando a realização de um estudo comparativo entre adolescentes da faixa etária próxima, compreendida entre 11 e 17 anos, sendo trinta e três da turma A e vinte e dois na B.

Para o desenvolvimento da primeira etapa dessa pesquisa, foi utilizada como ferramenta para a obtenção de dados a aplicação de um questionário estruturado, o qual continha dez perguntas objetivas.

O emprego dessa ferramenta ainda no início da realização do trabalho está relacionado ao levantamento do conhecimento prévio dos alunos pela temática e ainda, seu interesse pelo tema, bem como o nível socioeconômico dos mesmos. A aplicação do questionário deu-se em uma aula, pois foi necessário explicar sobre o que se tratavam as questões.

Em seguida, optou-se pela metodologia de construir modelos didáticos do aparelho reprodutor masculino e feminino, com diferentes tipos de materiais reutilizáveis e de baixo custo, na abordagem da utilização correta de métodos contraceptivos na adolescência.

Essa construção apresenta a análise das opiniões sobre os questionamentos relativos à temática referida, o papel da família e importância da escola como disseminador destes assuntos, dados obtidos a partir das respostas a dois questionários aplicados durante as etapas desse trabalho.

Constataram-se as percepções que esses estudantes, tanto do sexo feminino quanto do masculino, possuíam a respeito de métodos contraceptivos e sua utilização de forma responsável e segura. Registrou-se ainda o nível socioeconômico das famílias. As respostas obtidas serviram como base para nortear esta pesquisa.

A segunda etapa desse trabalho desenvolveu-se a partir da proposta de Galagovsky e Adúriz-Bravo (2001), tendo como objetivo a construção de modelos didáticos, criados pelos alunos para a elaboração e consolidação de paradigmas pedagógicos, adaptando-se para o assunto relacionado à contracepção na

adolescência, a partir da utilização de materiais reutilizáveis, disponíveis no dia-a-dia.

No processo de ensino aprendizagem a construção de materiais didáticos favorece a ampliação do raciocínio e o poder crítico dos discentes, e dessa forma esses possibilitam o desenvolvimento da autoestima e da criatividade, pois esses materiais de baixo custo suprem a falta de recursos (FREITAS et al., 2008).

Seguindo as atividades, realizaram-se três palestras em sala de aula, sob responsabilidade de uma psicopedagoga e de duas biólogas, a respeito da temática a ser explorada na oficina de construção do modelo didático, com a utilização de slides e projetor multimídia. Essas trataram especificamente sobre a puberdade, aparelhos reprodutores humanos, masculino e feminino, e por fim a abordagem sobre os diferentes métodos contraceptivos.

Entre esses, buscou-se apresentar os com maior divulgação na mídia, bem como aqueles que são discutidos frequentemente entre os próprios adolescentes além de incluir em seus conhecimentos os que poucos difundidos e outros não mais utilizados.

Nesse caso, têm-se os métodos de barreira (preservativos: masculino e feminino, diafragma e espermicida), os métodos comportamentais ou naturais (tabelinha, muco, temperatura), métodos hormonais (oral-pílulas, injeções e implantes, adesivos, DIU hormonal e contracepção de emergência), métodos cirúrgicos (laqueadura tubária e a vasectomia) e dispositivos colocados no útero (DIU – dispositivo intrauterino). A sequência na exposição desses conteúdos visou facilitar a compreensão dos alunos a respeito da temática.

Após a etapa com o ciclo de palestras, foi solicitado aos alunos que trouxessem para a sala de aula materiais reutilizáveis e de baixo custo, que pudessem ser encontrados nas próprias residências. Utilizou-se papelão, caixas vazias de perfumes, de cosméticos, de remédios, embalagem de desodorante e antisséptico bucal, arame, barbante, lã, lápis de cor, estilete, tesoura, cola, massa de modelar, lantejoulas, cartolina, tecido TNT (Tecido Não Tecido).

Os estudantes foram divididos em grupos, a fim de favorecer a interatividade entre os mesmos e entre eles e a professora, bem como o desenvolvimento da capacidade de raciocínio e da própria criatividade.

A escola disponibilizou num sábado, duas salas para que as oficinas fossem realizadas. Os alunos formaram grupos com no máximo cinco integrantes.

Na primeira sala havia apenas alunos da turma A, e estas equipes ficaram responsáveis pela produção do aparelho reprodutor humano com materiais reutilizáveis. Dois grupos montaram o sistema reprodutor feminino e o terceiro teve a responsabilidade de construir um modelo do aparelho reprodutor masculino.

Na segunda sala, formaram-se outros três grupos, cada qual também com cinco integrantes, todos da turma B. Duas das quatro equipes construíram os aparelhos reprodutores: masculino e feminino. Nesse caso especificamente utilizou-se massa de modelar, material distribuído pela professora. Os outros dois grupos foram orientados a confecção do modelo didático do aparelho reprodutor masculino e outro feminino, com o uso de miçangas, lã, cola, tesoura e lantejoulas.

Ao término das atividades propostas, os alunos foram conduzidos ao pátio da escola, para apresentação do material produzido aos colegas, momento no qual foram discutidos os aspectos de reprodução humana, demonstrando nos modelos construídos. Os trabalhos ficaram expostos na escola pelo período de uma semana, para apreciação por todos, inclusive pelos alunos das turmas do turno vespertino, para que também tivessem a oportunidade de contemplar e analisar o que foi produzido, bem como, para a comunidade escolar de modo geral, incluindo os pais dos alunos e visitantes.

O modelo didático desenvolvido teve como finalidade proporcionar ao adolescente a visualização dos aparelhos reprodutores humanos, utilizando os conceitos referentes à contracepção relacionada ao próprio indivíduo e na esfera social também.

Na semana posterior às oficinas, foi então aplicado um segundo questionário, diferente do primeiro, mas que também continha dez questões de múltipla escolha, relacionando, mais uma vez, as informações a respeito da contracepção e as ideias do coletivo de alunos, para o exercício dessa ação com responsabilidade.

No momento da aplicação desse segundo questionário, houve a participação de cinquenta e dois alunos, sendo trinta da turma A e vinte e dois da B. Três alunos desistiram do curso.

Os dados obtidos com base nas respostas dos questionários aplicados foram transformados em porcentagem e plotados em tabelas e gráficos, utilizando o programa Microsoft Excel®, de modo a facilitar a visualização e interpretação dos resultados.

2.3 Resultados

O número de alunos voluntários que participaram dessa pesquisa foi de 33 adolescentes para a turma A e de 20 alunos na turma B, do 6º ano do Ensino Fundamental, de uma escola da rede pública estadual em Maceió, Alagoas.

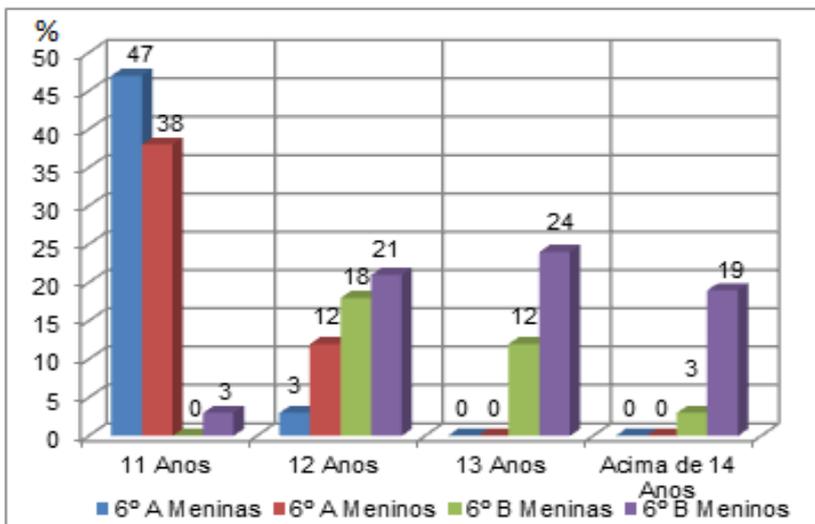
Em virtude de os alunos matriculados na turma A serem mais prematuros, no sentido de terem concluído o 5º ano recentemente, e os da turma B serem “repetentes” ou ainda “fora da faixa etária” para cursar a referida série, a avaliação dos resultados apresentados nos gráficos a seguir, também foram analisados a partir dessa cognição.

Ao analisar a distribuição etária da turma A verificou-se que 85% possuíam idade de 11 anos, enquanto 15% estavam com 12 anos.

Para a turma B a faixa etária de 12 anos representou 39%, seguida dos adolescentes com 13 anos registrados em 36% e valores menores para os mais jovens e para os alunos com mais idade.

A distribuição quanto ao sexo revelou que a turma A estava dividida exatamente com 50% para meninos e o mesmo valor para as meninas. Na turma B ocorreu a frequência de 77% e 33% respectivamente (Figura 1).

Figura 1 – Caracterização da faixa etária dos alunos em ambas as turmas.



Fonte: Autoria própria

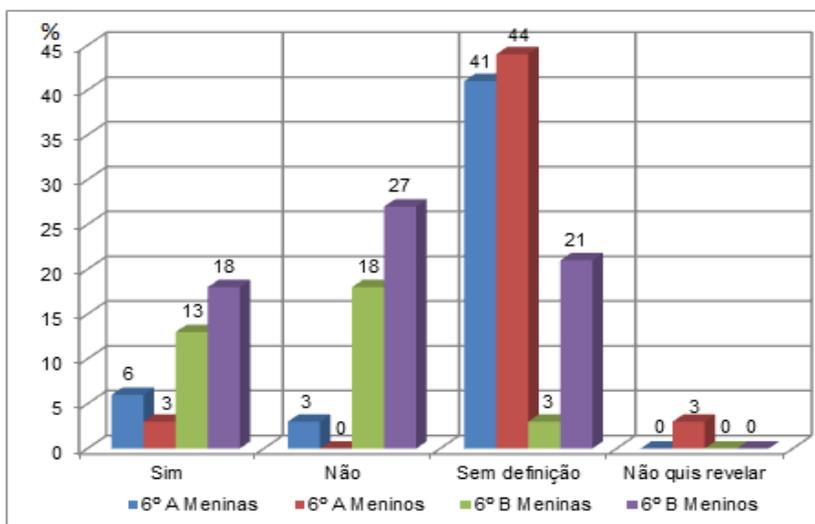
Perguntados se já haviam ouvido falar em contracepção, percebeu-se que na turma A, 41% das meninas, e 44% dos meninos já ouviram falar, porém sem ter

definição a respeito desse assunto. Já na turma B, 21% dos meninos e 3% das meninas também se encontraram sem definição formada sobre esse assunto.

No entanto, 6% das meninas da A, e 13% da B, responderam que já ouviram falar, enquanto os meninos com 3%, e do 6º B com 18% também compartilharam dessa afirmação.

Destacaram-se na turma B, 18% das meninas e 27% dos meninos sem ouvir falar sobre o assunto (Figura 2).

Figura 2 – Conhecimento prévio dos alunos a respeito de contracepção.



Fonte: Autoria própria

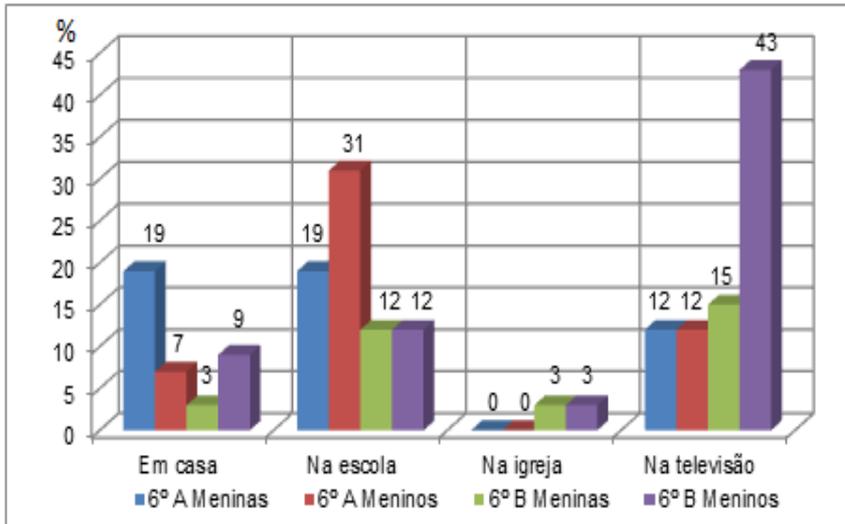
A questão seguinte, onde ouviram falar sobre contracepção, 19% das meninas da turma A, e 3% da B disseram que em casa. Os meninos da A, com 7%, e da B, com 9%.

Disseram que na escola, 19% das meninas da A e 12% da B. Os meninos corresponderam a 31% da turma A, e 12% da B.

A turma A, tanto as meninas como os meninos com 12% respectivamente, informaram que na televisão foi que ouviram falar. Ainda compactuando dessa afirmação, a B teve 15% das respostas entre as meninas, e 43% os meninos.

Na igreja levou 3% respectivamente na turma de meninas e meninos da B (Figura 3).

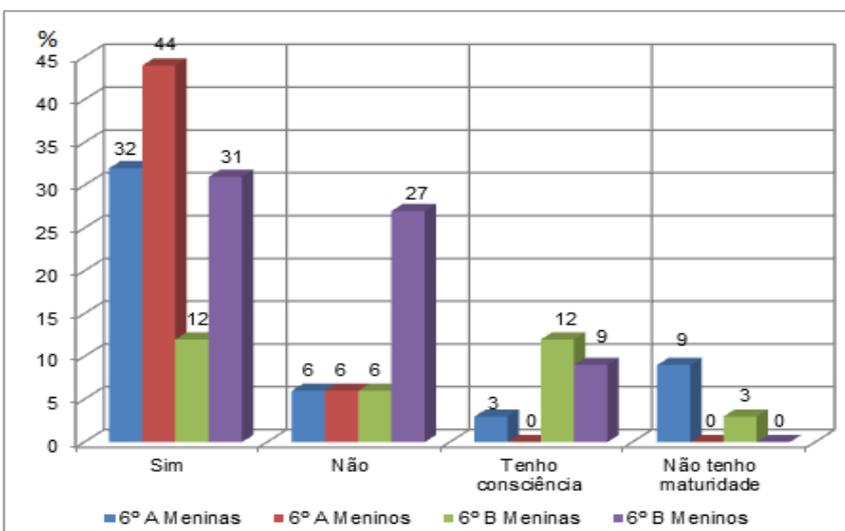
Figura 3 – Primeiras informações obtidas pelos alunos a respeito da contracepção.



Fonte: Autoria própria

Na intenção de saber se existe interesse dos alunos para obter conhecimentos relacionados à contracepção, 32% das meninas da turma A disseram que SIM, e 12% da turma B responderam da mesma forma. Com porcentagem de 44% dos meninos da A e 31% dos meninos da B a resposta foi *Sim*, por possuírem interesse no assunto. Na B 12% os meninos afirmaram que tem consciência da importância desse assunto ao longo da vida, já 9% das meninas da A, afirmaram serem sem maturidade para receber informações sobre esse assunto (Figura 4).

Figura 4 – Interesse dos alunos na obtenção do conhecimento relacionado à contracepção.

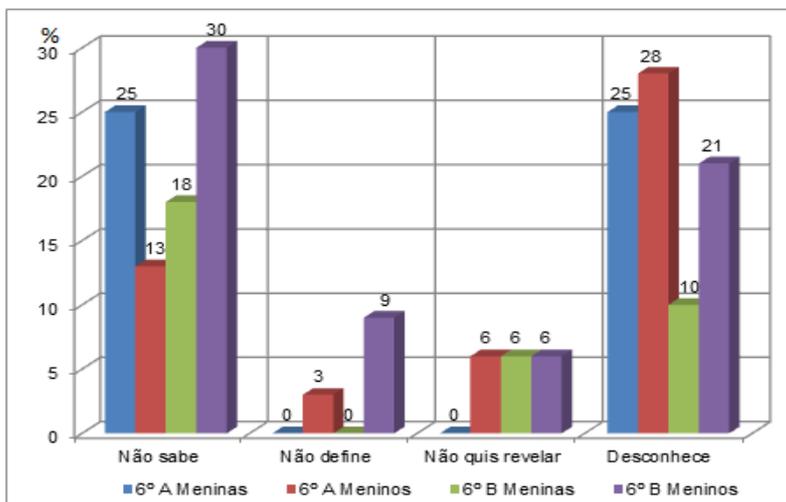


Fonte: Autoria própria

Quando questionados se saberiam definir o que é contraceção, 25% das meninas da turma A e 18 da B responderam NÃO SABER, enquanto que entre os meninos, 13% da A e 30% da turma B também dividiram essa opinião. Já 3% dos meninos da A e 9% da B já ouviram falar, mas encontram-se sem saber definir um conceito.

Os meninos das turmas A e B e as meninas da turma B, com respectivamente 6%, informaram que já ouviram falar sobre o assunto, mas sem gostar de revelar a opinião. Destaca-se que 25% das meninas da A e 10% da B desconhecem o conceito de contraceção, enquanto o valor entre os meninos da A foi de 28% e da B foi de 21% (Figura 5).

Figura 5 – Capacidade dos alunos entrevistados em definir contraceção.

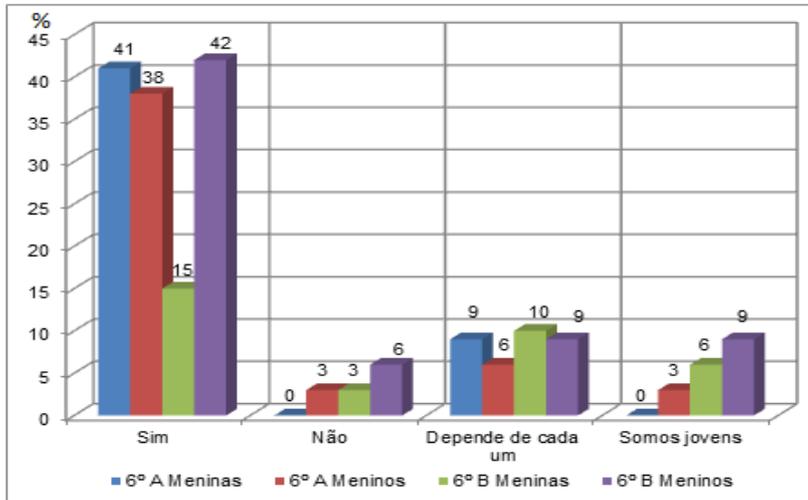


Fonte: Autoria própria

Quando perguntados se consideraram importante receber conhecimentos sobre métodos contraceptivos, a turma A obteve 41% de respostas entre as meninas, e 38% entre os meninos disseram *Sim*.

Na turma B 15% das meninas e 42% dos meninos também compartilharam dessa opinião. Pensando na negativa verificou-se 3% dos meninos da A e 6% da B. Se o adolescente acreditar que está preparado, a decisão é de cada um, foi o que disseram 9% das meninas da A e 10% da B, enquanto para os meninos os valores foram na A com 6%, e na B, com 9%. Destacaram-se entre as respostas 6% das meninas da B e 9% dos meninos da B, informaram serem muito jovens para receber informações sobre este assunto (Figura 6).

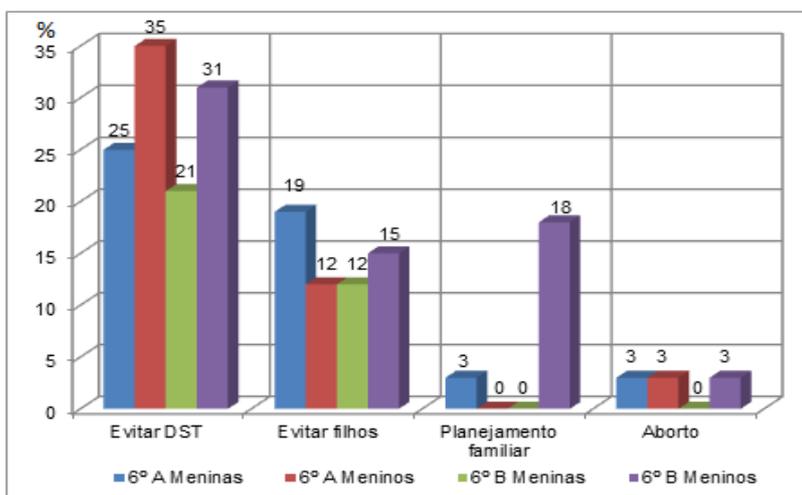
Figura 6 – Consideração dos alunos sobre a importância do conhecimento a respeito da contracepção.



Fonte: Autoria própria

De acordo com o conhecimento do aluno os mesmos poderiam definir que a contracepção serve para evitar DST foi a opção de 25% das meninas da turma A e 21% da B. Na turma A, 35% dos meninos e na turma B 31% optaram por essa afirmativa. Entre as meninas da A, com valor de 19% e da B com 12%, informaram que serve para evitar filhos. No entanto, 12% dos meninos da A e 15% da B também assinalaram nessa opção. O uso de contraceptivos serve para o planejamento familiar foi o que afirmaram 3% das meninas da turma A e 18% dos meninos da B. Já 3% dos (as) alunos (as) pesquisados (as) da turma A e B (meninos) disseram que o uso de contraceptivos serve para prática abortiva (Figura 7).

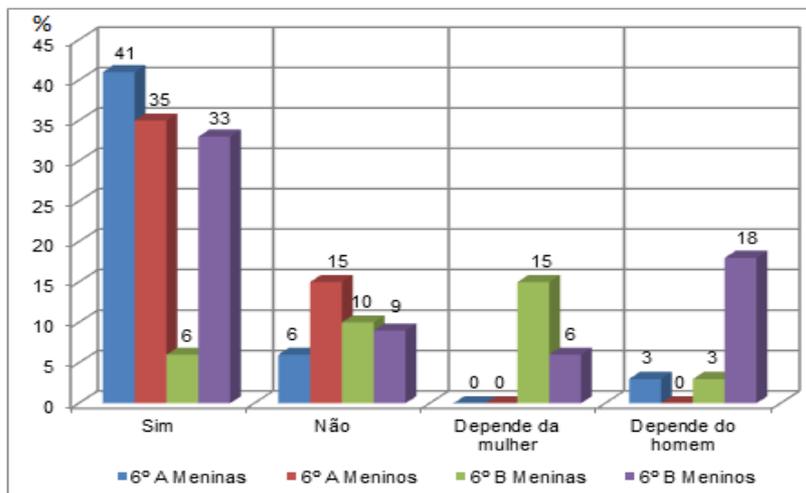
Figura 7 – Compreensão dos alunos sobre a finalidade da contracepção.



Fonte: Autoria própria

Na oitava questão foi perguntado se os mesmos acreditam que a contracepção contribui para a própria saúde. Nas respostas, 41% das meninas da A e 6% da B afirmaram que SIM, enquanto 35% dos meninos da A e 33% da B também dividiram essa mesma opinião. Também ficou evidente que 6% das meninas da turma A, e 10% da B disseram que NÃO, enquanto 15% dos meninos da turma A e 9% da B também desacreditam que a contracepção possa contribuir para sua saúde. Ressalta-se que 15% das meninas da B responderam que vai depender da mulher e 18% dos meninos dessa mesma turma, que depende do homem (Figura 8).

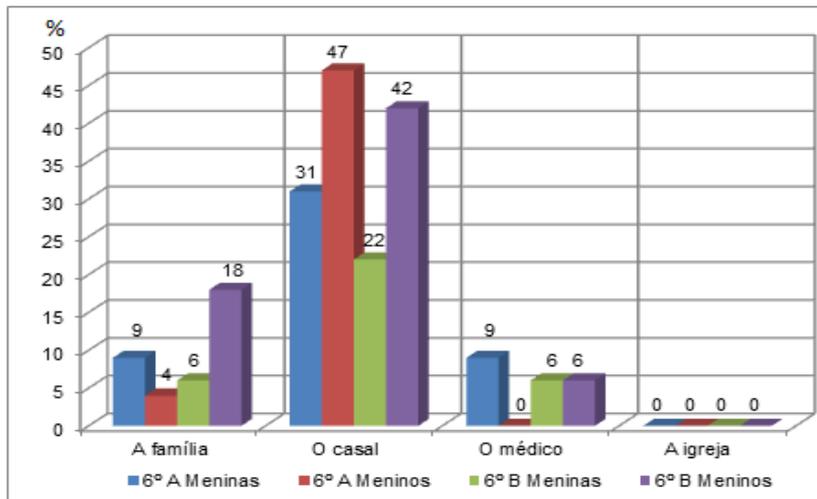
Figura 8 – Opinião dos alunos sobre a contribuição da contracepção na promoção da saúde do indivíduo.



Fonte: Autoria própria

A questão a seguir referiu-se à interferência da religião acerca da contracepção, uma vez que grande parte dos alunos que participaram dessa pesquisa, afirmaram frequentar igrejas evangélicas. Entretanto, ao serem perguntados de acordo com o seu conhecimento, quem deveria decidir a respeito da contracepção, 9% das meninas da turma A e 6% da turma B informaram que é a família quem deve decidir. Ainda sobre essa mesma opinião, 4% dos meninos da turma A e 18% da turma B responderam da mesma forma. No entanto, a maioria das respostas indica que é o casal que deve decidir, ficou registrado para 31% das meninas da A e 22% da turma B. Os meninos da A, com 47% e 42% da turma B também afirmaram que é o casal. O médico foi a resposta de 9% das meninas da A e 6% da B, e também 6% dos meninos da turma B. Nenhum dos alunos atribuiu à igreja a decisão sobre qual o método de contracepção deve ser utilizado (Figura 9).

Figura 9 – Quem decide sobre o uso dos contraceptivos na relação.



Fonte: Autoria própria

A décima pergunta foi subdividida em cinco itens para identificar a opinião dos participantes. A maioria dos alunos de ambas as turmas concordaram em suas respostas ao se considerarem adolescentes capazes de receber informações sobre contracepção. Também informaram que seus familiares se interessam e podem contribuir na contracepção dos mesmos. Concordaram ainda que gostariam que outras turmas e séries na mesma escola tivessem a mesma oportunidade para aprender sobre contracepção (Tabelas 1 e 2).

Tabela 1 - Informações existentes entre os alunos do sexo masculino – “O conhecimento prévio”.

Questões/Alternativas/Turmas	Concordo		Nem concordo nem discordo		Discordo	
	A(%)	B(%)	A(%)	B(%)	A(%)	B(%)
1. Sou um adolescente bem informado sobre contracepção.	28	21	13	12	9	0
2. Minha família também contribui com a minha contracepção.	35	21	9	6	6	6
3. A escola teve papel importante na aprendizagem sobre contracepção.	19	22	3	4	28	4
4. Durante a aplicação do questionário conclui estar seguro com os conhecimentos que possui em relação à contracepção.	47	28	3	4	0	4
5. As informações por mim absorvidas obtidas sobre a contracepção exercerão grande influência em relação ao início da minha atividade sexual.	44	27	0	6	6	0

Fonte: Autoria própria

Tabela2 – Informações existentes entre os alunos do sexo feminino – “O conhecimento prévio”.

Questões/Alternativas/Turmas	Concordo		Nem concordo nem discordo		Discordo	
	A(%)	B(%)	A(%)	B(%)	A(%)	B(%)
1.Sou um adolescente bem informado sobre a contracepção.	22	54	9	10	19	3
2.Minha família também contribui com a minha contracepção.	35	43	9	15	6	9
3.A escola teve papel importante na aprendizagem sobre contracepção.	16	40	3	26	31	4
4.Durante a aplicação do questionário conclui estar seguro com os conhecimentos que possuo em relação à contracepção.	50	49	0	9	0	6
5.As informações por mim absorvidas sobre a contracepção exercerão grande influência em relação ao início da minha atividade sexual.	50	58	0	3	0	6

Fonte: Autoria própria

A partir das respostas obtidas, percebeu-se que a maior parte dos alunos da turma A, 28% e 21% da B concordaram que são adolescentes bem informados sobre contracepção.

As alunas da turma A, equivalendo a 22% e 54% da B também marcaram estar bem informadas sobre o tema. Entretanto 13% dos alunos da turma A e 12% da turma B nem concordaram nem discordaram. A mesma resposta foi registrada para 9% das alunas da A e 10% da B.

Os alunos da turma A discordaram com 9% por estarem desinformados sobre a temática, da mesma forma que 19% das alunas da A e 3% da B.A família de 35% dos alunos da turma A e 21% da turma B contribui no repasse das informações sobre contracepção, da mesma forma que para 35% das alunas da A e 43% da B.

Apenas 9% dos meninos da turma A e 6% da B, 9% das meninas da A e 15% da B, nem concordam e nem discordam que recebem contribuição de informações por parte da família. Tanto 6% dos meninos da turma A, quanto o mesmo percentual da turma B discordam totalmente que recebem informações por parte da família. Sobre este item, 6% das meninas da turma A e 9% na turma B que também discordam que a família contribua nas informações repassadas sobre o assunto.

Quando perguntados se a escola teve papel importante na aprendizagem sobre contracepção, 19% dos meninos da turma A, 22% da B, 16% das meninas da A e 40% da turma B, concordaram que a escola é atuante em sua aprendizagem. Apenas 3% dos meninos da turma A, 4% da B, 3% das meninas da turma A e 26% da B, nem concordaram e nem discordaram que a escola foi protagonista em sua aprendizagem sobre o tema. Para 28% dos meninos da turma A, 31% das meninas da A e 4% da turma B, discordaram que a escola tenha influenciado em sua aprendizagem.

No momento em que estavam respondendo o questionário, sentiam-se estar seguros com os conhecimentos adquiridos sobre contracepção 47% dos alunos da turma A e 28% da turma B. A mesma resposta foi verificada para 50% das alunas da A e 49% da B.

Apenas 3% dos alunos da turma A e 4% da turma B nem concordaram nem discordaram estarem seguros, como também 9% das alunas da B. Na turma A 4% dos meninos discordaram que estavam inseguros sobre os conteúdos aprendidos sobre contracepção e 9% entre as meninas da B.

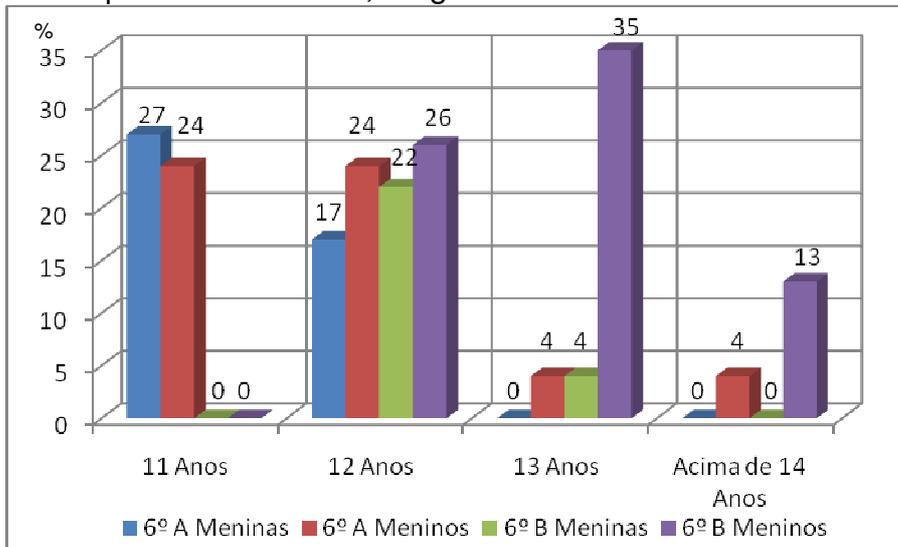
Quando questionados se as informações absorvidas sobre a contracepção exercerão influência em sua atividade sexual, 44% dos meninos da turma A, 27% da turma B, 50% das meninas da turma A e 58% da turma B, concordaram que as informações influenciarão em sua vida sexual.

No entanto, 6% dos meninos da turma A e 3% das meninas da B nem concordaram, nem discordaram. Na turma A 6% dos meninos e o mesmo valor das meninas discordaram totalmente que as informações recebidas possam influenciar em sua atividade sexual.

Após a realização das palestras e da oficina, houve a aplicação de um segundo questionário, cuja abordagem estava relacionada à contracepção. Com base nos dados coletados, ficou evidente que os meninos são maioria entre os pesquisados, com cerca de 60% na turma A e 74% na turma B.

A faixa etária que prevaleceu foi de 12 anos, com 41% na turma A e 48% na turma B. Entre as meninas, destacaram-se 27% de meninas na A, com 11 anos e 35% dos meninos da turma B, com 13 anos (Figura 10).

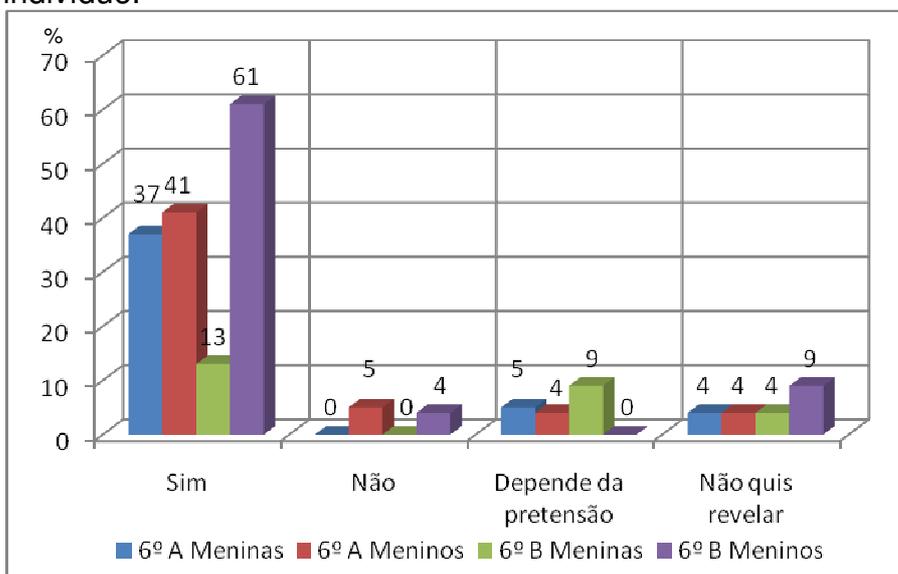
Figura 10 – Classificação etária e por sexo dos alunos de ambas as turmas de uma escola pública de Maceió, Alagoas.



Fonte: Autoria própria

Com relação à importância do uso de métodos contraceptivos para a saúde do indivíduo, 37% das meninas da turma A assinalaram a afirmativa que indicava SIM que a contracepção é importante, enquanto que apenas 13% entre as meninas da B optaram por essa resposta. Entre os meninos da A, 41% disseram que SIM, enquanto 61% dos meninos da B também afirmam que os métodos contraceptivos são importantes. Ressalta-se que apenas 5% dos meninos da A e 4% dos meninos da B acreditaram que os métodos contraceptivos NÃO são importantes (Figura 11).

Figura 11 – Fazer uso de métodos contraceptivos é importante para a saúde do indivíduo.

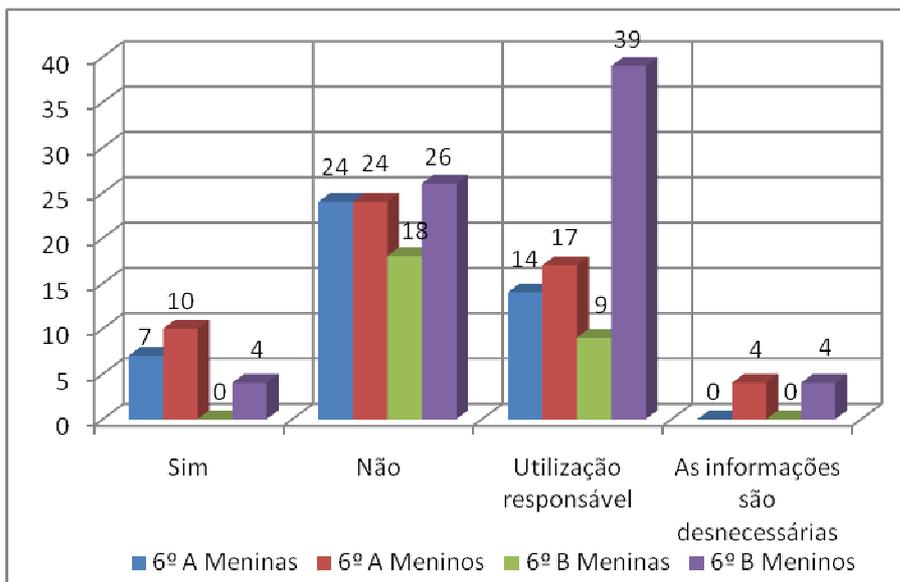


Fonte: Autoria própria

Quando perguntados se a utilização de métodos contraceptivos é obrigatória, 24% das meninas da A e 18% da B informaram que NÃO é obrigatório. Já 24% dos meninos da A e 26% da B também informaram NÃO haver obrigatoriedade quanto ao uso de métodos contraceptivos.

Destacaram-se entre as respostas que 10% dos meninos da A acreditaram que a utilização de métodos contraceptivos é SIM obrigatória. O valor de 17% dos meninos da A e 39% da B concordaram que os métodos contraceptivos devem ser utilizados de modo responsável. Já entre as meninas, esse valor oscilou de 14% entre as meninas da A e 9% na B (Figura 12).

Figura 12 – Fazer uso de métodos contraceptivos é obrigatório.

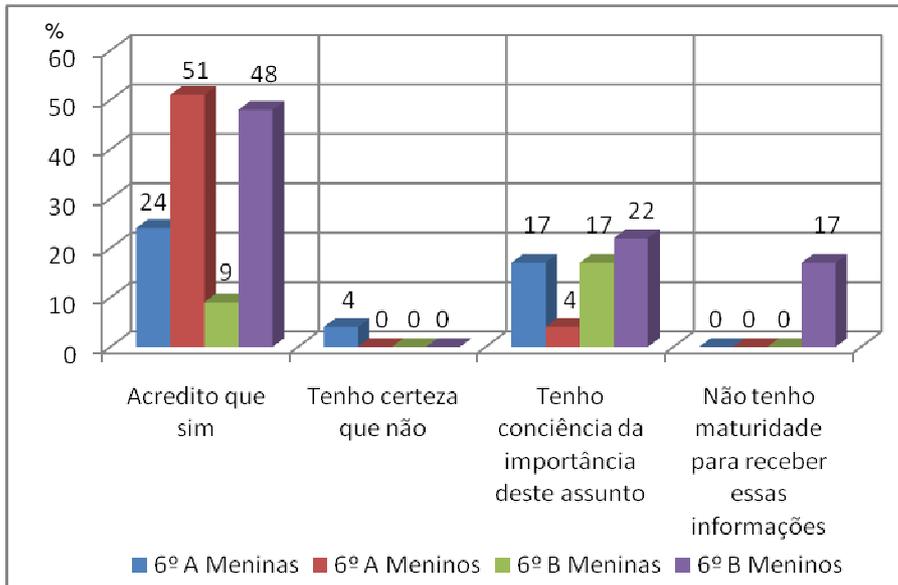


Fonte: Autoria própria

Na quarta questão, foi perguntado se as informações obtidas podem influenciar na utilização correta dos métodos contraceptivos, quando 24% das meninas da turma A e 9% das meninas da B acreditaram que SIM.

Entretanto 51% dos meninos da turma A e 48% da B também responderam da mesma forma. Ter consciência da importância deste assunto foi o que marcaram 17% das meninas de ambas as turmas, e entre os meninos foram 4% da turma A e 22% da turma B (Figura 13).

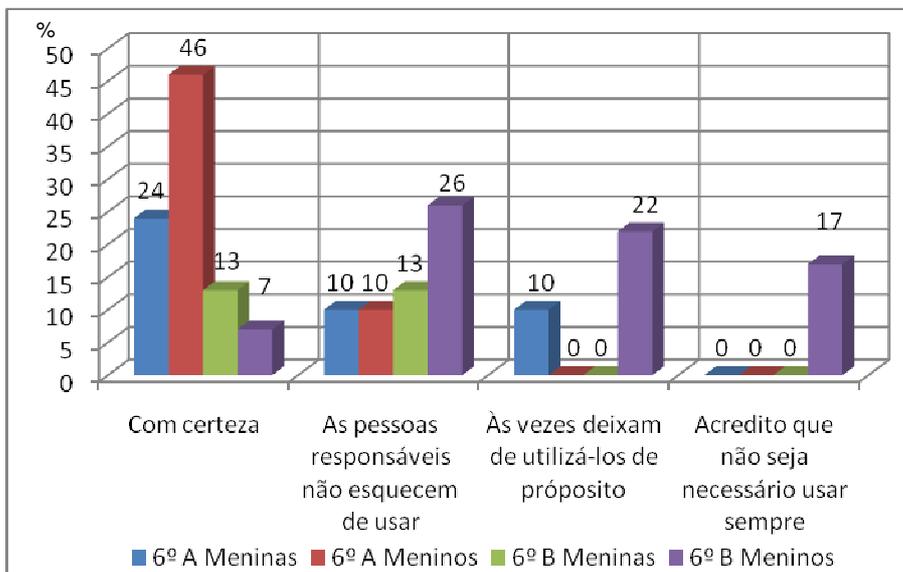
Figura 13 – Informações obtidas podem influenciar na utilização correta dos métodos.



Fonte: Autoria própria

Na quarta questão, ao serem perguntados se as informações obtidas podem influenciar na utilização correta dos métodos contraceptivos, 24% das meninas da turma A, 9% das meninas da B acreditam que SIM. No entanto, 52% dos meninos da turma A e 48% da B também assinalaram esta resposta. Tem consciência da importância deste assunto foi o que marcaram 17% das meninas de ambas as turmas, e entre os meninos foram 4% da turma A e 22% da turma B (Figura 14).

Figura 14 – A informação e a utilização do preservativo.

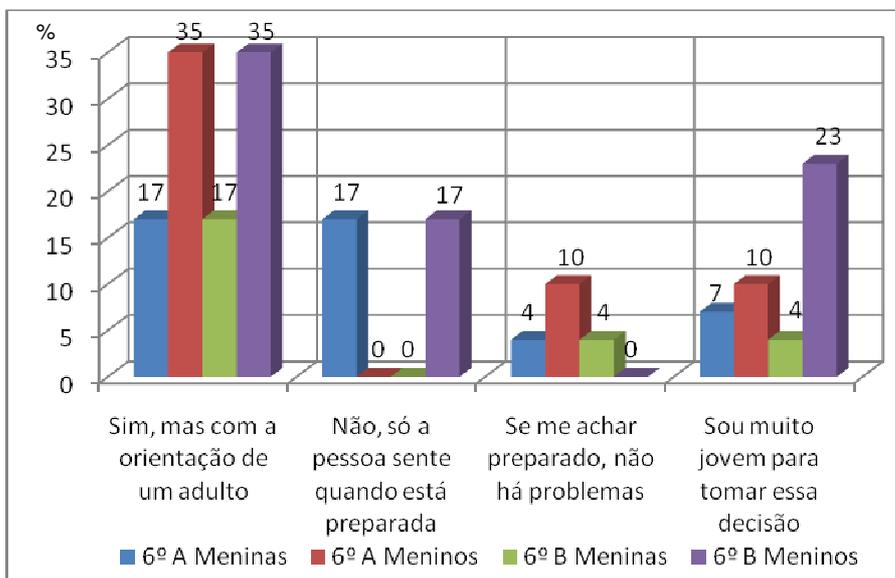


Fonte: Autoria própria

Na questão que se referia os estudantes acreditavam existir uma idade certa para fazer uso dos métodos contraceptivos, os meninos de ambas as turmas responderam com valor igual, 35%.

As meninas de ambas as turmas, com valor de 17% também acreditaram que existe uma idade certa. Apenas 22% dos meninos da B afirmaram ser muito jovens para tomarem qualquer decisão sobre esse assunto, afirmação compartilhada por 7% das meninas da A e 4% da B (Figura 15).

Figura 15 - A idade correta para iniciar a atividade sexual.



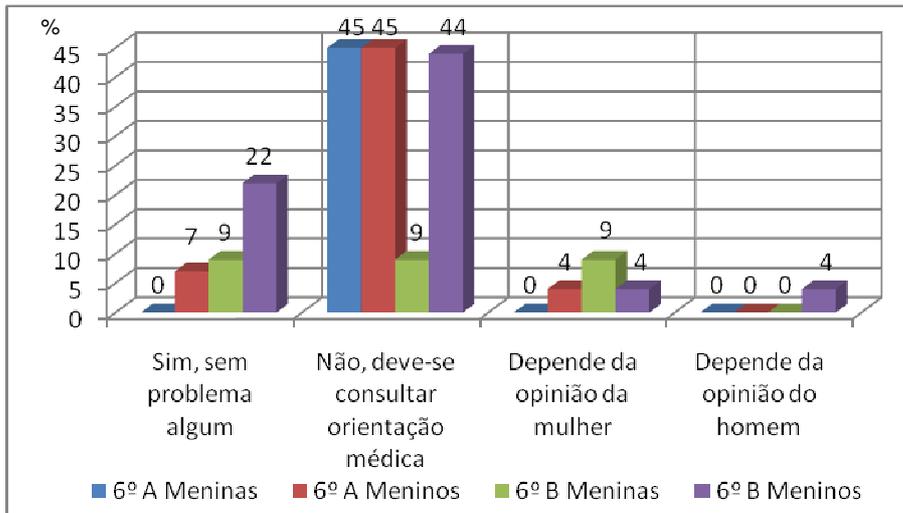
Fonte: Autoria própria

A sétima questão colocava para os pesquisados se os métodos contraceptivos podem ser utilizados por quaisquer pessoas. Somente 9% das meninas da turma B disseram que SIM, e seguindo essa mesma resposta, 7% dos meninos da A e 22% da B assinalaram a mesma resposta.

Todavia, a maioria dos entrevistados possui consciência que deve consultar orientação médica para saber qual o contraceptivo adequado para cada pessoa, evidente nos percentuais de respostas das meninas da A, com 45% e da B, com 9%. Essa mesma resposta foi marcada pelos meninos da A, com 45% e a B, com 44%.

Destacaram-se entre as respostas para essa questão, que 9% das meninas da B escreveram que o método a ser utilizado depende da opinião da mulher (Figura 16).

Figura 16 - Qualquer pessoa pode utilizar quaisquer métodos contraceptivos.



Fonte: Autoria própria

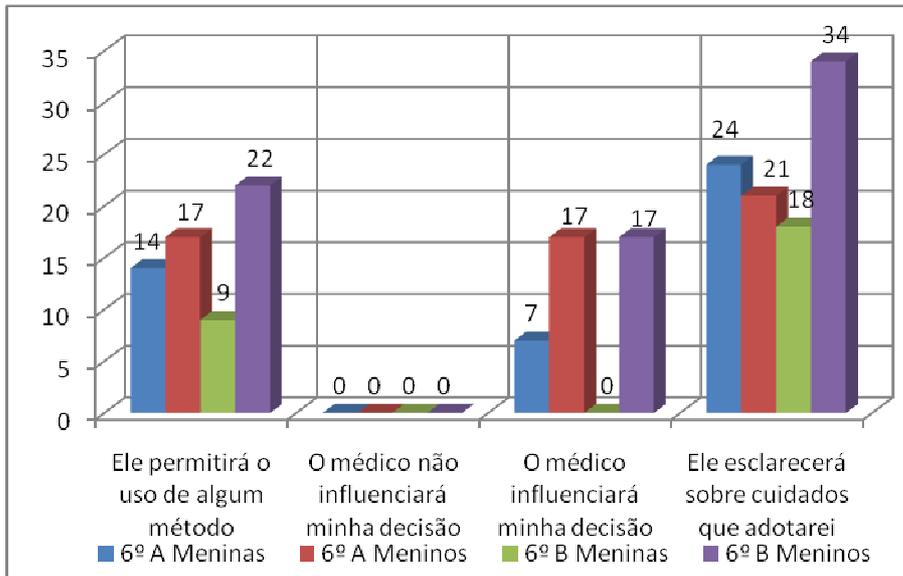
A oitava questão foi relativa à importância de se consultar com hebiatra antes de usar qualquer método contraceptivo. As meninas da turma A, com valor de 14% e da B com 9%, assinalaram que o hebiatra orientará sobre qual método contraceptivo poderá fazer uso.

Para os meninos as respostas foram de 17% na A e 22% na turma B. Destaca-se nessa questão, o fato de nenhum aluno/a ter assinalado a resposta que diz respeito ao médico não influenciar na decisão de qual o método mais eficaz.

Os/As alunos/as marcaram o contrário, que SIM, o médico influenciará em sua decisão, com resultado de 7% entre as meninas da A e 17% entre os meninos dessa mesma turma. Na turma B nenhuma das meninas marcou essa opção, enquanto que os meninos representaram 17%.

A grande maioria assinalou que o hebiatra esclarecerá sobre os cuidados que deverão ser tomados na hora de decidir qual o melhor método, com 24% das respostas das meninas da A e 18% da B, enquanto que os resultados dos meninos da A correspondem a 21% e da B, com 34% (Figura 17).

Figura 17 – Importância de uma consulta com um hebiatra antes da primeira relação sexual.



Fonte: Autoria própria

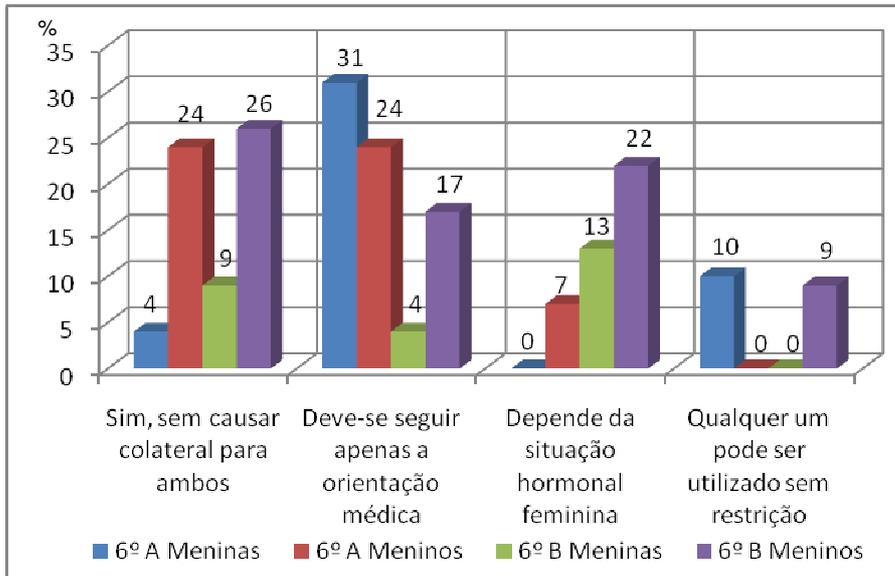
Procurando saber entre os entrevistados possuem conhecimento se existe algum método contraceptivo mais indicado para o homem ou para mulher, as meninas da A assinalaram 4% nesta alternativa e da B com 9%.

Sobre a opção de que não causa nenhum efeito colateral para um ou para outro os meninos responderam com 24% na turma A e 26% na B.

A maior parte das respostas esteve concentrada na alternativa de que se deve seguir apenas a orientação médica, com 31% e 4% entre as meninas da A e B, respectivamente.

Entre os meninos da A, as respostas foram de 24% e de 17% para a B. Dependendo da situação hormonal das mulheres foi o que responderam 7% dos meninos da A e 22% da B, sendo que apenas as meninas da A marcaram com 13% B (Figura 18).

Figura 18 – Indicação do contraceptivo de acordo com o sexo.



Fonte: Autoria própria

A última pergunta foi subdividida em cinco itens, para que fosse possível a análise da opinião dos alunos participantes (Quadros 3 e 4). Percebeu-se nas respostas do primeiro item que a maioria possui dúvidas, ao se referirem ao fato de estarem bem informados sobre a contracepção.

Tabela 3 - Caracterização das informações existentes entre os alunos do sexo masculino – “O conhecimento construído a partir de modelos didáticos”.

Questões/Alternativas/Turmas	Concordo		Nem concordo nem discordo		Discordo	
	A(%)	B(%)	A(%)	B(%)	A(%)	B(%)
1. Considero-me um adolescente bem informado sobre a contracepção.	14	17	24	39	17	17
2. Minha família também contribui com a minha contracepção.	24	48	28	22	4	4
3. A escola teve papel importante na aprendizagem sobre a contracepção.	52	48	3	26	0	0
4. Durante a etapa informativa, com o ciclo de palestras, concluí estar seguro sobre os novos conhecimentos obtidos em relação à contracepção.	10	26	38	35	7	13
5. As informações por mim obtidas sobre a contracepção exercerão grande papel em decisões (de forma responsável) que envolvam a minha sexualidade.	31	17	17	48	6	9

Fonte: Autoria própria

Tabela4 – Caracterização das informações existentes entre os alunos do sexo feminino – “O conhecimento construído a partir de modelos didáticos”.

Questões/Alternativas/Turmas	Concordo		Nem concordo nem discordo		Discordo	
	A(%)	B(%)	A(%)	B(%)	A(%)	B(%)
1. Considero-me um adolescente bem informado sobre a contracepção.	0	9	21	13	24	5
2. Minha família também contribui com a minha contracepção.	17	22	17	4	10	0
3. A escola teve papel importante na aprendizagem sobre a contracepção.	42	22	3	4	0	0
4. Durante a etapa informativa, com o ciclo de palestras, concluí estar seguro sobre os novos conhecimentos obtidos em relação à contracepção.	14	13	21	13	10	0
5. As informações por mim obtidas sobre a contracepção exercerão grande papel em decisões (de forma responsável) que envolvam a minha sexualidade.	38	13	4	9	4	4

Fonte: Autoria própria

Os alunos, ao serem questionados quanto a se considerarem adolescentes bem informados sobre contracepção, assinalaram a opção de concordância, 14% dos meninos da turma A e 17% dos meninos da B. Para essa mesma alternativa, entre as meninas, as respostas foram 9% das meninas da turma B e nenhuma da turma A. No entanto, 21% das meninas da turma A, 13% da B, 24% dos meninos da turma A e 39% da B, nem concordaram e nem discordaram estarem bem informados. Todavia, 24% das meninas da turma A, 5% da B, 17% dos meninos da turma A e a mesma porcentagem da B, discordaram estarem bem informados sobre contracepção.

Quanto à contribuição da família com informações sobre contracepção, 17% das meninas da turma A, 22% da B, 24% dos meninos da A e 48% da B concordaram que recebem informações por parte da família sobre contracepção. Nem concordaram, nem discordaram foi o que responderam 17% das meninas da A, 4% da B, 28% dos meninos da A e 22% da B. Afirmaram que nunca receberam nenhuma contribuição sobre a temática foi o que informaram 10% das meninas da turma A, 4% dos meninos tanto da turma A quanto da B.

Perguntados se a escola exerceu papel importante na aprendizagem sobre contracepção, 42% das meninas da turma A, 22% da B, 52% dos meninos da A e

48% da B, concordaram que a escola foi atuante na transmissão de conhecimentos para com esses alunos. Responderam que nem concordaram e nem discordaram 3% das meninas da turma A, 4% da B, 3% dos meninos da A e 26% da B. Nenhum dos alunos de ambas as turmas assinalaram a opção discordando que a escola deixe de ter influenciado em sua aprendizagem.

A penúltima pergunta referiu-se ao período da etapa informativa com o ciclo de palestras. As respostas se os alunos concluíam estar seguros sobre os novos conhecimentos obtidos em relação à contracepção obtiveram 14% das meninas da turma A, 13% da B, 10% dos meninos da A e 26% do B, concordando em estarem seguros sobre o assunto, depois dos trabalhos e palestras informativas trabalhadas em sala de aula.

Nem concordaram, nem discordaram foi o que responderam 21% das meninas da turma A, 13% da B, 38% dos meninos da A e 35% da B. Para a alternativa de que discordam do fato de estarem preparados/seguros sobre os novos conhecimentos adquiridos através das palestras e ciclos informativos, as respostas foram de 10% das meninas da turma A, 7% dos meninos da A e 1% da B.

Por fim, quando questionados se as informações obtidas sobre contracepção exercerão grande papel em suas decisões, de forma responsável, que envolvam sua sexualidade, 38% das meninas da turma A, 13% da B, 31% dos meninos da A e 17% da B concordaram que as informações recebidas serão essenciais nos momentos de decisões que envolvam a temática. Nem discordaram, nem concordaram foi o que informaram 4% das meninas da turma A, 9% da B, 17% dos meninos da A e 48% da B. No entanto, para 4% das meninas da turma A e B, 6% dos meninos da A e 9% da B discordaram que tenham obtidos informações sobre contracepção que possam vir a exercer papel em decisões que envolvam sua sexualidade.

Todavia, percebeu-se que os alunos da turma A apresentaram maior concordância, no que concerne à contribuição da escola e a construção dos conceitos relativos à contracepção, para a fundamentação da aprendizagem sobre o conteúdo em questão, devido à faixa etária dos alunos dessa turma. Entre os alunos da turma B, a maioria concordou que a instituição contribui com uma boa parcela de atividades para o aprimoramento dos conhecimentos relacionados à temática abordada nessa pesquisa, ainda que afirmassem que o conhecimento se fundamentou em orientações advindas dos familiares.

2.4 Discussão

Constatou-se inicialmente nessa pesquisa, com base no questionário aplicado junto aos alunos, que para a maioria dos alunos da turma A, em decorrência de sua maturidade, faltava o conhecimento mais específico à sua faixa etária, sobre os assuntos referentes aos métodos contraceptivos. Muitos dos alunos da turma B já haviam ouvido algo a respeito, embora ainda sem condições de conceituar ou explicar sobre o assunto. Dados semelhantes foram obtidos nas pesquisas realizadas por ALMEIDA et al., (2003) e DIAZ et al., (2005), demonstrando que os alunos de mesma faixa etária apresentaram resposta equivalentes. No entanto, chamou a atenção a influência da mídia como um dos principais agentes mediadores de informações sobre o tema, ficando a escola como coadjuvante nesse processo (VIVARTA, 1999; GUIMARÃES et al., 2003; ALTMANN, 2005; MENDES et al., 2011).

A temática em questão tem um solo fértil para ser trabalhada e desenvolvida, pois foi verificada nessa pesquisa que a maioria dos alunos entrevistados tem interesse no assunto, sabem da importância dos métodos contraceptivos para evitar doenças e filhos, além do cuidado com a saúde individual, com preconizam os PCN (BRASIL, 1998).

A análise dos resultados do primeiro questionário demonstrou o conhecimento dos alunos envolvidos quanto aos métodos contraceptivos, ao uso de forma responsável e que cada pessoa tem um contraceptivo adequado para utilizar na idade certa, sendo que o uso de contraceptivo deve ser orientado por médico. Também reconhecem a importância da consulta com um hebiatra, conforme citação do Ministério da Saúde sobre o planejamento familiar (BRASIL, 2002).

Embora, em ambas as turmas, os alunos responderam que a responsabilidade de ter filhos deve ser do casal, ao decidir sobre qual método utilizar, Duarte et al.(2003) destacaram a acuidade no desenvolvimento e na implementação de políticas públicas, que possibilitem subsídios para favorecer projetos sociais voltados à saúde sexual e reprodutiva de homens e mulheres, os quais abarquem a dinâmica das relações e dos papéis sociais, além de promoverem ações para a assistência integral à saúde.

Entretanto, como demonstrado pelas respostas dos alunos, concordaram com Silva e Figueiredo (2012) ao chamaram a atenção para a Educação Sexual ser

muito mais do que uma questão reprodutiva, sendo que o ensino nas escolas deve enfatizar tanto a questão do prazer, quanto ao direito do livre exercício da sexualidade. Porém os autores destacam ainda que cabe à família e às instituições de ensino orientar sobre a maneira mais segura e responsável de desfrutar dessa liberdade.

É nesse contexto que há relevância da Orientação Sexual, enfatizando-se a temática relacionada à contracepção no âmbito escolar. A informação deve ser passada de forma a esclarecer os mitos e os preconceitos, possibilitando o diálogo da forma mais aberta possível com os alunos. Isso deve acontecer tanto na escola quanto em casa, sendo que essa comunicação pode ser uma ponte confiável para debater sobre o tema nas escolas, local onde a maioria das crianças e adolescentes passa uma boa parte do tempo (BRASIL, 1998; ALTMANN, 2005; CAMARGO E FERRARI, 2009).

O tema dessa pesquisa deve ser tratado na escola abordando-se a questão dos direitos sexuais, mas alertando para a importância da responsabilidade e da necessidade da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, como Aids e hepatites virais (CAMARGO E BOTELHO, 2007). Para tanto, torna-se necessário que gestores, profissionais da área da Educação e toda a comunidade escolar assumam tal compromisso de maneira educativa, respeitando os valores culturais, religiosos e familiares dos alunos, independentemente de serem semelhantes ou diferentes daqueles adotados pelos professores/educadores.

Os métodos contraceptivos, principalmente quando abordados na adolescência e dentro da escola, podem ser tratados como assunto natural e extremamente importante na vida pessoal e estudantil dos alunos, levando-se em consideração o contexto social, cultural e econômico nos quais os estudantes estão inseridos, assim estimula-se o raciocínio e o livre arbítrio dos alunos. Desde a publicação dos PCN, especificamente do caderno Pluralidade Cultural e Orientação Sexual, foi proposta a inclusão da Educação Sexual nas escolas de todo país (BRASIL, 1998).

Para os professores, é importante que tomem consciência da prática em sala de aula, procurando atividades que atraiam a atenção dos alunos, pois como reforçam Braga et al. (2007, p.4) “[...]o uso de (modelos didáticos) são excelentes recursos que o professor pode utilizar no processo de ensino-aprendizagem, pois

eles contribuem e enriquecem o desenvolvimento intelectual e social do educando [...]”.

Em consequência da aplicação do segundo questionário, pode-se inferir que o trabalho de sensibilização dos adolescentes realizado em uma escola pública, sobre o tema de contracepção na adolescência, encontra-se dentro das atribuições dos professores desses alunos, no sentido de demonstrar melhores possibilidades e condições de vida para estes adolescentes. Trabalhar o assunto relativo a contracepção, ainda nesta fase de vida do ser humano, é proporcionar as crianças e adolescentes enxergar positivamente as mudanças de cunho sexual que irão vivenciar, estreitando a comunicação de forma clara entre as pessoas que estão ao seu redor, sejam professores, educadores, pais, familiares ou amigos, mas sem tabus. A proposta é de fornecer aos alunos mecanismos para elaborarem seus próprios valores, a partir do pensamento crítico, estimulando-os a compreenderem o seu comportamento e a tomarem decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual, agora na adolescência e no futuro (FELIPE, 2007; BRITZMAN, 1998).

Portanto, esta pesquisa demonstrou que grande parte dos alunos pesquisados possui consciência da importância do uso de métodos contraceptivos para a saúde do indivíduo; que inexistem a obrigatoriedade do uso de métodos contraceptivos, tratando-se de uma questão de responsabilidade individual; que receber informações prévias sobre temas de cunho sexual podem influenciar na utilização correta dos métodos contraceptivos.

Os alunos afirmaram ainda que existe uma idade certa para fazer uso de métodos contraceptivos, mas que se deve ter a orientação de um adulto, deve-se buscar orientação médica sobre qual o método mais adequado para cada tipo de pessoa. Também compartilharam a ideia sobre a importância em consultar-se com o hebiatra antes de fazer uso de qualquer método contraceptivo e receber esclarecimentos sobre os cuidados que deverão adotar antes, durante e após o uso de contraceptivos. Ainda afirmaram que absorveram para sua vida pessoal as informações que receberam sobre contracepção e que a escola se tornou um agente na aprendizagem sobre contracepção.

2.5 Considerações Finais

A Educação Sexual, principalmente assuntos relativos à contracepção na adolescência, tratados dentro da escola são de extrema importância, pois, a transmissão e a discussão de conhecimentos sobre assuntos do universo sexual, proporciona ao aluno o aprendizado de forma correta, quanto as definições e funções biológicas, desmistificando os mitos e satisfazendo as curiosidades que cercam esta temática.

A participação dos pais também é fundamental no processo da contracepção, pois incentiva o processo de corresponsabilidade. A escola complementa o que é iniciado no lar, supre lacunas, combate preconceitos e revê conceitos distorcidos. A escola deve preparar o jovem para discutir o que é biológico, o que é cultural, da classe social a que pertence, sem se preocupar com a afirmação de certezas ou erros. Na fase da adolescência, cabe aos pais se posicionarem claramente sobre o que consideram importante para seus filhos.

No século XXI a escola e a família precisam formar um elo indissolúvel, criando espaços de discussão, onde a escola precisa estar preparada. Toda a equipe que trabalha com os alunos, principalmente os professores, envolvidos diretamente com os alunos, deve estar em consonância sobre os assuntos relacionados à contracepção, como também os pais entre si e a família com a escola.

Os métodos contraceptivos, principalmente abordados na fase da adolescência e dentro da escola, podem ser tratados como assunto natural e extremamente importante na vida pessoal e estudantil dos alunos, levando-se em consideração o contexto social, cultural e econômico nos quais os estudantes vivem. Desta forma pode-se estimular o raciocínio e o livre arbítrio dos estudantes.

Os professores devem ter consciência da prática em sala de aula, procurando atividades que atraiam a atenção dos alunos. Tratando-se de desenvolvimento de habilidades e de atitudes por parte dos alunos, observou-se melhoria no aprendizado, uma vez que os estudantes foram instigados a trabalhar em grupo.

Entretanto, de enriquecedoras e inovadoras, as atividades proporcionaram desenvolvimento de habilidades cognitivas que refletiram na melhor fixação do conteúdo repassado.

Pode-se constatar que os alunos entrevistados demonstraram acreditar serem adolescentes capazes de receberem informações sobre contracepção, sendo constatado que os familiares se interessavam e podem contribuir na contracepção dos mesmos.

Verificou-se a importância da realização de um projeto voltado para a contracepção, junto aos alunos de 6ª ano do Ensino Fundamental, direcionado à prevenção da gestação precoce, bem como da contaminação por alguma DST.

Entretanto, verificou-se que se faz necessário também a implantação de um processo informativo contínuo, ao longo da vida escolar do aluno, a fim de possibilitar o conhecimento que norteie a maturidade sexual dos mesmos.

O trabalho de sensibilização dos adolescentes de uma escola pública em Maceió, Alagoas, para o tema de contracepção na adolescência encontra-se dentro das atribuições dos educadores, no sentido de demonstrar melhores possibilidades e melhores condições de vida para estes adolescentes.

Os alunos acreditam que há uma idade certa para fazer uso de métodos contraceptivos, embora necessitem ter a orientação de um adulto e que, deve-se buscar orientação médica sobre qual o método mais adequado para cada tipo de pessoa. Também compartilham a ideia sobre a importância em consultar-se com o hebiatra antes de fazer uso de qualquer método contraceptivo receber esclarecimentos sobre os cuidados que se deverá adotar antes do uso.

Nesse âmbito, ainda afirmaram que assimilaram para sua vida pessoal as informações que recebem sobre contracepção que a escola se torna um agente na aprendizagem sobre contracepção. Foram demonstradas diferenças significativas quanto as informações que os alunos já trazem consigo, advindas da transmissão de conhecimento pelas famílias e/ou amigos.

Portanto, esta pesquisa ampliou, para grande parte dos estudantes pesquisados, a consciência da importância do uso de métodos contraceptivos para a saúde do indivíduo; que inexistem a obrigatoriedade do uso de métodos contraceptivos, tratando-se de uma questão de responsabilidade individual; que receber informações prévias sobre temas de cunho sexual podem influenciar na utilização correta dos métodos contraceptivos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. C. C.; AQUINO, E. M. L.; GAFFIKIN, L.; MAGNANI, R. J. Uso de contracepção por adolescentes de escolas públicas na Bahia. **Revista de Saúde Pública**, v.37, n.5, p.566-75. 2003.

ALMEIDA, A. C. C. H.; CENTA, M. L. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v.22, n.1, p.71-76. jan./feb. 2009.

ALTMANN, H. Verdades e Pedagogias na Educação Sexual em uma escola. Tese de Doutorado em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 226 f. 2005. Disponível em: <http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1827/1/tese.pdf>>. Acessado em 20/05/2011.

_____. A sexualidade adolescente como foco de investimento político-social. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 46, p. 287-310, dez. 2007.

ANACLETO, A.; MICHEL, S. A.; OTTO, J. **Cinema e Home Vídeo Entertainment: o mercado da magia e a magia do mercado**. Np. 2007.

AQUINO, E. M. L.; HEILBORN, M. L.; KNAUTH, D.; BOZON, M.; ALMEIDA, M. C.; ARAÚJO, J.; MENEZES, G. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. **Cadernos de Saúde Pública**, v.19 (Suppl. 2), S377-S388. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0102-311X2003000800019&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0102-311X2003000800019>>. Acessado em 20/05/2011.

BRAGA, A. J.; ARAÚJO, M. M.; VARGAS, S. R.; LEMES, A. **Usos dos jogos didáticos em sala de aula**. 10p. 2007. Disponível em: <<http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2007/artigos/letras/242.pdf>>. Acessado em 03/03/2013.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual**. Brasília: MEC/SEE, p. 285-336. 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/ SEF, 436p. 1998.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. **Assistência em Planejamento Familiar: Manual Técnico/Secretaria de Políticas de Saúde, Área Técnica de Saúde da Mulher**, 4ª ed., Brasília: Ministério da Saúde, 150p. 2002.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. **Normas para pesquisa envolvendo seres humanos** (Res. CNS nº. 196/96 e outras) 2ª. ed., Brasília, 106 p. 2003.

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Indicadores Sócio demográficos e de Saúde no Brasil. Brasília, DF. 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>> Acessado em 03/12/2013.

_____. Ministério da Saúde. **DATASUS**. Departamento de informática do sistema único de Saúde. MS/SVS/DASIS - Sistema de Informações sobre Estatísticas de gestantes adolescentes. Brasília, DF. 2010. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinasc/cnv/nvuf.def>. Acessado em 11/04/2013.

BRITZMAN, D. P. Sexualidade e cidadania democrática. **In: SILVA, L. H. (org.). A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BORDINI, S. C. O lugar da educação para a sexualidade na disciplina de ciências e suas relações com saber científico. **Contexto & Educação**, v. **88**, p.62-76. Jul./Dez. 2012.

CAMARGO, B. V.; BOTELHO, L. J. Aids, Sexualidade e atitudes de adolescentes sobre Proteção contra o HIV. **Revista de Saúde Pública**, v. **41**, n.1, p.61-68. Fev. 2007.

CAMARGO, E. A. I.; FERRARI, R. A. P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciências e Saúde Coletiva**, v. **14**, nº. 3, p. 937–946. Rio de Janeiro. Maio/Jun. 2009.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO; MEC; Coordenação Nacional de SDT/AIDS, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, Instituto Airton Senna, 426 p. 2004.

COSTA, M. C. O.; PINHO, J. F. C.; MARTINS, S. J. Aspectos psicossociais e sexuais de gestantes adolescentes em Belém – Pará. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. **71**, n.3, p.151-157. 1995.

DIAZ, M.; MELLO, M. B.; SOUSA, M. H.; CABRAL, F.; SILVA, R. C.; CAMPOS, M.; FAÚNDES, A. Outcomes of three different models for sex education and citizenship programs concerning knowledge, attitudes, and behavior of Brazilian adolescents. **Cadernos Saúde Pública**, v. **21**, n. 2, p. 589-597. 2005.

DUARTE, G. A.; ALVARENGA, A. T.; OSIS, M. J. D.; FAÚNDES, A.; SOUZA, M. H. Participação masculina no uso de métodos contraceptivos. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. **19**, p.207-16. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000100023&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 03/12/2013.

FELIPE, J. **Sexualidade nos livros infantis: relações de gênero e outras implicações**. **In: MEYER, D. E. (org.) Saúde e Sexualidade na escola**. Cadernos Educação Básica; 4. Porto Alegre: Mediação, p. 111-124. 2007.

FREITAS, L. A. M.; BARROSO H. F. D.; RODRIGUES H. G.; AVERSI-FERREIRA, T. A. Construção de modelos embriológicos com material reciclável para uso didático.

Bioscience Journal, Uberlândia, v. **24**, n.1, p. 91-97, 2008.

FURLANI, J. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 66-81. 2003.

GALAGOVSKY, L.; ADÚRIZ-BRAVO, A. Modelos y analogias em la enseñanza de las ciencias naturales: el concepto de modelo didático analógico. **Enseñanza de las Ciencias**. v. **2**, p. 231-242. 2001.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed., São Paulo: Atlas. 2002.

GTPOS - **Guia de Trabalho e Orientação Sexual: Diretrizes e Metodologia**. Fórum Nacional de Educação e Sexualidade. 7ª ed., São Paulo: Casa do Psicólogo. 112p. 1994.

GUIMARÃES, A. M. A. N.; VIEIRA, M. J.; PALMEIRA, J. A. Informações dos adolescentes sobre métodos anticoncepcionais. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, v. **11**, n.3, p. 2-15. 2003.

LEPIENSKI, L. M. **Recursos didáticos no ensino de biologia e ciências**. 2009. Disponível em: <<http://www.diadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/400-2.pdf>>. Acessado em 03/12/2013.

LIMA, A.; NUÑEZ, I. B. Aprendizagem por modelos: utilizando modelos e analogias. In: **Fundamentos do ensino - aprendizagem das Ciências Naturais e da Matemática**. Porto Alegre: Sulina, p. 245-263. 2004.

MENDES, S. S.; MOREIRA, R. M. F.; MARTINS, C. B. G.; SOUZA, S. P. S.; MATOS, K. F. Saberes e atitudes dos adolescentes frente à contracepção. **Revista Paulista de Pediatria**, v. **29**, n. 3, p.385-391. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext>. Acessado em 15/09/2011.

MENDONÇA, C. O.; OLIVEIRA, M. W. O. Modelos didáticos para o ensino de Ciências e Biologia: aparelho reprodutor feminino da fecundação a nidação. In: V Colóquio Internacional: Educação e Contemporaneidade. 2011. Disponível em: http://hpc.ct.utfpr.edu.br/~charlie/docs/PPGFCET/4_TRABALHO_03_MODELOS%20DID%C3%81TICOS.pdf. Acessado em: 16/01/2015.

MONTARDO, J. L. Gravidez em Adolescentes. **Contexto e Educação**, v. **71/72**, p. 93-109. 2004.

MORAN, J. M. **Desafios na comunicação pessoal**. 3a. ed., São Paulo: Paulinas. 2007.

OLIVEIRA, M. W. Gravidez na adolescência: dimensões do problema. **Cadernos Cedex**, Campinas, v. **19**, n.45, p.48-70. 1998.

PINTO, H. D. S. A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar. In: AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. 3ª ed., São Paulo: Summus, p. 43-51. 1997.

PNUD. Atlas do Desenvolvimento Humano dos Municípios. 2013. http://www.pnud.org.br/IDH/Default.aspx?indiceAccordion=1&li=li_AtlasMunicipios. Acessado em 30/06/2014.

PREDEBON, F; DEL PINO, J. C. Uma análise evolutiva de modelos didáticos associados às concepções didáticas de futuros professores de Química envolvidos em um processo de intervenção formativa. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 14 (2), p. 237-254, 2009.

SABROZA, A. R.; LEAL, M. C.; GAMA, S. G. N.; COSTA, J. V. Perfil sócio demográfico e psicossocial de puérperas adolescentes no município do Rio de Janeiro, Brasil, 1999-2001. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20 (supl. 1), p.112-120. 2004.

SANTOS, V. P. A.; SILVA, K. S.; NOVAIS, R. M.; MARCONDES, M. E. R. **Modelos didáticos revelados no discurso de professores em formação**. 2008. Disponível em: http://link.smartscreen.live.com/?l=http%3a%2f%2fwww.cienciamao.usp.br%2ftudo%2fexibir.php%3fmidia%3deneq%26amp%3bcod%3d_modelosdidaticosrevelado&p=1&u=&r=AGQ=&d=l&c=TznZqFS+7UiCkoyTfTp1oA==&y=E302E&h=YtyE02gl. Acessado em 03/12/2013.

SILVA, R. P.; FIGUEIREDO, A. D. L. Educação sexual no ensino fundamental: o trabalho com alunos do 9º ano. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 15, n.1, p. 161-176. 2012.

SILVA, R. V.; OLIVEIRA, E. M. As possibilidades do uso do vídeo como recurso de aprendizagem em salas de aula do 5º ano. In: V EPEAL, UFAL, Alagoas – AL (2010). Disponível em: <<http://dmd2.webfactional.com/media/anais/possibilidade-de-video-como-recurso-de-aprendizagem-em-salas-de-aula-de-5-serie.pdf>>. Acessado em: 16/01/2015.

SOUZA, S. E. O uso de recursos didáticos no ensino escolar. In: I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM: “Infância e Práticas Educativas”. Arq Mudi. 2007. Disponível em: <http://www.pec.uem.br/pec_uem/revistas/arqmudi/volume_11/suplemento_02/artigos/019.pdf>. Acessado em: 03/12/2013.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. 20ª ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SUPLICY, M.; EGYPTO, A. C.; BRANCO, C. C.; GONÇALVES, E. V.; MENOCCI, D. T.; SILVA, R. C.; SAYÃO, Y.; SILVA, M. R.; BOCK, S. D.; SILVA, M. C. P. **Sexo se aprende na escola**. GTPOS – Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual. 2ª ed., São Paulo: Olho d'Água, 1998.

TRIVELATO, S. L. F.; OLIVEIRA, O. B. Prática docente: o que pensam os professores de Ciências Biológicas em formação? **TEIAS**: Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, jan/dez, p. 1-11. 2006.

VIVARTA, V. Mídia: quando a informação é o melhor remédio. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas Públicas de Saúde. Área do adolescente e do jovem. A saúde do adolescente. **Cadernos Juventude Saúde e Desenvolvimento**, v.1, n.2, p.213-22. 1999.

3 O USO DE VÍDEO EDUCATIVO SOBRE CONTRACEPÇÃO PARA A PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

RESUMO

Essa pesquisa configurou-se a partir da necessidade em utilizar vídeo didático sobre contracepção humana, como ferramenta inovadora para o enriquecimento das aulas e especificamente para alertar os adolescentes sobre os casos de gravidez precoce, influenciando na qualidade de vida e evasão escolar das meninas. O público alvo foram alunos de duas turmas de 6^a. série do Ensino Fundamental de uma escola pública de Maceió, Alagoas. Foi preparado um vídeo, com material obtido em sites de domínio público. Depois da análise das respostas de um questionário, aplicado após a exibição desse vídeo sobre contracepção na adolescência, foi possível avaliar o impacto que essa ferramenta pode causar na aprendizagem e re/formulação de conceitos sobre a contracepção. Os dados coletados permitiram a comparação entre ambas as turmas, separadas em meninos e meninas e também por idade. Constatou-se que esse instrumento educativo foi decisivo para a re/assimilação de conceitos apreendidos sobre contracepção na adolescência. Verificou-se que a maioria dos alunos pesquisados perceberam a seriedade em fazer uso de métodos contraceptivos, sob a orientação correta. Tratou-se ainda sobre a relevância da consulta médica com um hebiatra, sendo esse fator preponderante para tomadas de decisões, no que diz respeito à utilização apropriada dos métodos contraceptivos. Nessa pesquisa procurou-se demonstrar a relevância da utilização do vídeo educativo como ferramenta indutora na construção do conhecimento e/ou a assimilação de um novo.

Palavras chaves: Gravidez na adolescência. Tecnologias da Informação e Comunicação. Vídeo. Escola Pública.

ABSTRACT

This research set up from the need to use instructional video about human contraception, as innovative for enrichment classes and specifically to warn teens about the cases of early pregnancy tool, influencing the quality of life and school dropout girls. The target audience were students from two classes of 6th. grade of elementary school to a public school in Maceió, Alagoas. A video was prepared with material obtained on public domain sites. After analyzing the responses from a questionnaire administered after viewing this video about contraception in adolescence, it was possible to assess the impact that this tool can have on learning and re / formulate concepts about contraception. The collected data allowed a comparison between the two classes, separated into boys and girls and also by age. It was found that this educational tool was decisive for the re / assimilation of concepts learned about contraception in adolescence. Can be seen that the majority of students surveyed perceived seriousness in making use of contraceptive methods, under the right guidance. Was also assimilated the importance of medical consultation with a hebiatrician this being a major factor for decision making, regarding the proper use of contraceptives. This research sought to demonstrate the relevance of the use of educational video tool like inductive construction of knowledge and / or assimilation of a new one.

Key words: Teenager pregnancy. Information Technology and Communication. Video. Public School.

3.1 Introdução

O professor encontra obstáculos diários em seu exercício profissional. Além de ter que seguir várias ações sistemáticas para elaborar suas aulas, que vão desde a preparação e o registro das mesmas, até o momento da projeção do conteúdo *in loco*. Contudo, o grande desafio está em obter êxito em seu dia-a-dia, com o material que produziu, frente a uma série de concorrentes tecnológicos interativos, que ocupam cada vez mais o cotidiano dos alunos. Segundo Moran (2007, p. 97)

[...] Estamos deslumbrados com o computador e a internet na escola e vamos deixando de lado [outras tecnologias] como a televisão e o vídeo, como se já estivessem ultrapassados, não fossem mais tão importantes ou como se já dominássemos suas linguagens e sua utilização na educação [...].

Tem-se discutido cada vez mais, entre o corpo docente, o desconforto por parte de terem que lecionar frente a estudantes muitas vezes desestimulados, pois, para muitos alunos a escola, a aula ou mesmo o professor são rotuladas como “ algo desnecessário e ultrapassado” (SILVA, 2010).

É a partir desse cenário que o professor precisa inovar em suas aulas. Para tanto, os usos de tecnologias educacionais, como o vídeo, tornam-se alternativas que precisam ser trabalhadas e ocupar espaços nos planos de aula. Silva (2010, p. 2) defende exatamente essa proposta,

Entre as tecnologias mais utilizadas estão a TV e o vídeo que servirão como aliados no processo de ensino e aprendizagem. São auxiliares do professor na diversificação/dinamização das aulas, fazendo com que o aluno aprenda diante de uma situação de ensino inovadora e motivadora.

Quando utilizado pela primeira vez em sala de aula na década de 90, era preciso um kit, com televisão, vídeo cassete e fitas VHS. Hoje em dia, o vídeo pode ser utilizado em máquinas, como os computadores, disponíveis em laboratórios ou em salas de informática, quando a escola possuir. Ou, pode ser compartilhado em tablets ou smartphones dos próprios alunos, ou projetor multimídia, ou mesmo em uma televisão, com o uso de um CD e um aparelho de DVD, ou então através de modelos de televisão que permitem até baixar no próprio equipamento o vídeo através da web, ou acoplar na televisão um pen drive, no qual o conteúdo esteja

gravado, e assim realizar a transmissão da temática em questão (VICENTINI; DOMINGUES, 2008).

A utilização de vídeos na sala de aula torna-se uma alternativa eficaz na assimilação dos conteúdos ministrados. Embora essa ferramenta, nos últimos anos, tenha se tornado obsoleta, ressalta-se que seu uso, além de ser um recurso metodológico acessível, favorece melhor assimilação dos conteúdos para os alunos (SILVA, 2010).

Moran (2007, p. 162) já afirmava a seguinte ideia,

[...]As tecnologias são pontes que abrem a sala de aula para o mundo, que representam, medeiam o nosso conhecimento do mundo. São diferentes formas de representação da realidade, de forma mais abstrata ou concreta, mais estática ou dinâmica, mais linear ou paralela, mas todas elas, combinadas, integradas, possibilitam uma melhor apreensão da realidade e o desenvolvimento de todas as potencialidades do educando, dos diferentes tipos de inteligência, habilidades e atitudes.

Com uma série de artifícios intrínsecos, o vídeo pode aproximar a sala de aula do cotidiano dos estudantes, bem como das linguagens de aprendizagem, da comunicação da sociedade, além de proporcionar momentos de trocas e novos questionamentos a todo processo educacional. Para tanto, a decisão por usá-lo necessita de um planejamento criterioso, com objetivos pré-definidos, para aproveitá-lo em todas as suas potencialidades (MORAN et al., 2000).

Dentre os fatores que somam pontos positivos e favoráveis no uso do vídeo, destaca-se que o mesmo serve como apoio didático, reforça o conteúdo transmitido, amplia os horizontes audiovisuais, enriquece o acervo da biblioteca ou das aulas do professor, trabalha a motivação junto aos alunos para que pesquisem mais sobre o assunto, constitui uma ferramenta dinâmica e interessante diante de um novo assunto a ser estudado. Na atualidade é um recurso de muito baixo custo, uma vez que se pode baixar da internet ou através de tecnologias cada vez mais comuns entre os próprios estudantes, além de existir a possibilidade do professor poder produzir seu próprio vídeo, ou até mesmo os próprios alunos (GUTIERREZ, 1978 *apud* ARROIO; GIORDAN, 2006, p. 9). Esse autor afirma que,

A força da linguagem audiovisual está em que consegue dizer muito mais do que captamos, chegar simultaneamente por muito mais caminhos do que conscientemente percebemos, e encontra dentro de nós uma repercussão em imagens básicas,

centrais, simbólicas, arquetípicas, com as quais nos identificamos, ou que se relacionam conosco de alguma forma.

Além dos fatores positivos listados no parágrafo anterior, a prática pedagógica esbarra nos pontos que determinam a falta de uso do vídeo em sala de aula, a saber: a falta de capacitação e de intimidade por parte do professor para lidar com as tecnologias; a falta de equipamentos tecnológicos para transmissão de vídeos, como os computadores, notebooks, telão, projetores multimídia, caixas de som, televisões, aparelho de DVD; a falta de vídeos já editados sobre conteúdos educativos na videoteca da escola, nos formatos de CD-ROM ou de DVD; ou o desconhecimento dos vídeos já existentes na escola; má utilização pelo professor, sem um acompanhamento adequado, faltando um objetivo pedagógico; ausência de orientação e de acompanhamento por parte da coordenação pedagógica da escola para analisar o uso adequado do vídeo em sala de aula (SILVA, 2010).

Entre prós e contras, se reconhece que o vídeo deve sim ser utilizado, aproveitando todo o seu potencial didático-educativo, em decorrência de um processo ensino e aprendizagem eficaz. O seu uso constitui uma ferramenta que proporciona ao aluno apreender os conteúdos estudados, estimulando os sentidos visuais e sonoros, que são peculiares ao vídeo (SACERDOTE, 2010).

A prática de assistir vídeos está intimamente relacionada a momentos de desconcentração, lazer e alegria. Portanto, ao fazer uso do vídeo na sala de aula, o mesmo assume uma conotação perante os alunos, de que aquela aula vai ser diferente, vai ser agradável, vai ter movimento, cores e sons diferentes. Conforme explana Moran (1995, p. 29) “vídeo, na cabeça dos alunos, significa descanso e não "aula", o que modifica a postura, as expectativas em relação ao seu uso”.

Dessa forma, logo o assunto apresentado no vídeo tende a ser bem recebido e agilmente apreendido pelos seus telespectadores, principalmente se o seu uso ocorrer de forma pedagogicamente aplicada.

O professor deve fazer uso de vídeo em suas aulas de forma clara e coerente, sendo sua utilização recomendada para todas as disciplinas. E o que dizer de seu uso nas aulas que trabalham com temas, que por si só já chamam a atenção dos alunos, como é o caso da contracepção. Desde que o vídeo receba um tratamento orientado, conforme defende Mandarino (2002, p. 54):

Vídeo tem a capacidade de mostrar fatos que falam por si mesmos, mas necessitam do professor para dinamizar a leitura do que se vê. O vídeo só deve ser utilizado quando puder contribuir significativamente para o desenvolvimento do trabalho.

É notória a necessidade de agregar linguagens distintas, desde o planejamento às exposições das aulas, para todos os níveis de ensino. Dessa forma, os vídeos tendem a ser um dos recursos que pode ser incorporado à rotina escolar, de modo a possibilitar melhor compreensão do conteúdo que se está abordando, tornando a aprendizagem mais fácil para os alunos. Os profissionais de ensino devem “buscar referenciais, discutir práticas, propor novas reflexões. Espaços de interação voltados aos educadores são caminhos importantes nessa busca reflexiva” (PEREIRA, 2006, p.1).

A partir da deficiência em se preparar vídeos educativos, como uma ferramenta útil para explorar melhor o conteúdo a ser trabalhado, propiciando facilidade para a assimilação do contexto trabalhado pelo professor, foi desenvolvido esse estudo.

O objetivo foi verificar a influência do uso de vídeo, no que diz respeito a dois aspectos, o primeiro enquanto recurso metodológico durante o ensino pelo professor e o segundo, quanto à assimilação da aprendizagem por parte dos estudantes, abordando a temática referente à contracepção na adolescência para a prevenção da gravidez precoce.

3.2 Metodologia

Esta pesquisa foi desenvolvida com alunos de duas turmas de 6^a. série, do turno matutino, de uma escola pública de Maceió, capital do estado de Alagoas. A efetivação desse trabalho deteve-se na exposição de um vídeo educativo e a aplicação de um questionário estruturado, com dez questões.

No decorrer da transmissão das informações relevantes à temática referida neste estudo, um vídeo educativo foi delineado. Para elaborá-lo foram necessárias cerca de 60 horas, entre pesquisas bibliográficas, de imagens e entrevistas, compreendendo também a seleção musical. Por fim, foram utilizadas aproximadamente mais 42 horas para edição e produção do material educativo.

Para a produção desse recurso educacional foram utilizadas imagens relacionadas à puberdade e aos métodos contraceptivos, essas foram resultado da própria criatividade dos alunos participantes da pesquisa e foram selecionadas por meio de concurso na escola.

Utilizou-se ainda duas entrevistas, uma apresentada por um médico especialista na área de reprodução humana, que trouxe informações instrutivas sobre contracepção e outra, que informava quais são os métodos contraceptivos, sua importância e eficácia, ambas de domínio público e disponíveis em sites voltados à educação.

Os alunos assistiram ao vídeo educativo preparado. Ao término, concordaram em participar da pesquisa 33 alunos da turma A e 22 da turma B, preenchendo a folha de respostas do questionário.

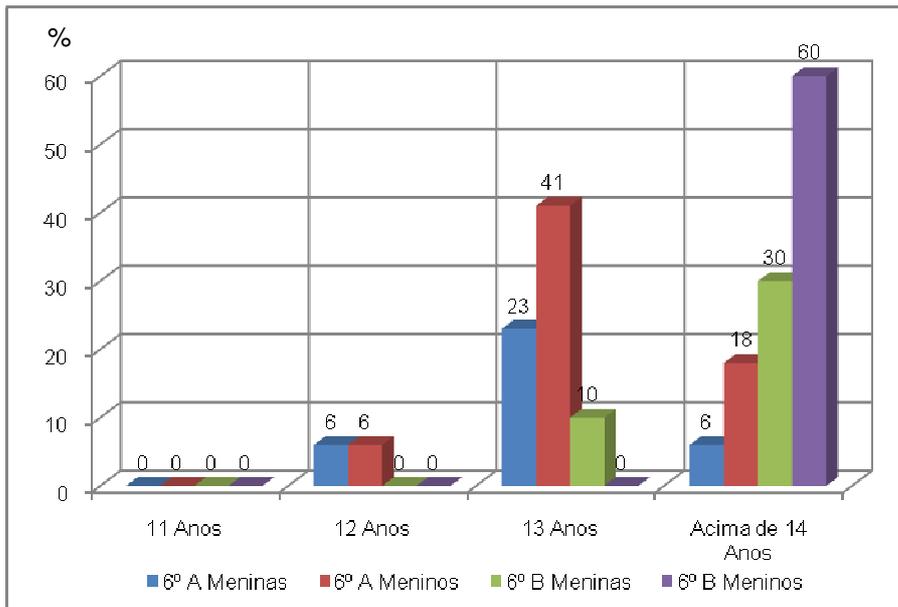
Os dados obtidos com base nas respostas do questionário aplicado foram transformados em porcentagem e plotados em tabelas e gráficos, utilizando o programa Microsoft Excel®, de modo a facilitar a visualização e interpretação dos resultados.

3.3 Resultados

Na pesquisa realizada com o grupo pesquisado, obtiveram-se as seguintes informações, em ambas as turmas: os meninos são maioria, correspondendo a 65% na turma A, e 60% na turma B.

A maioria dos alunos concentraram-se em termos de idade, entre 13 anos e a faixa dos 14 anos acima (Figura 1).

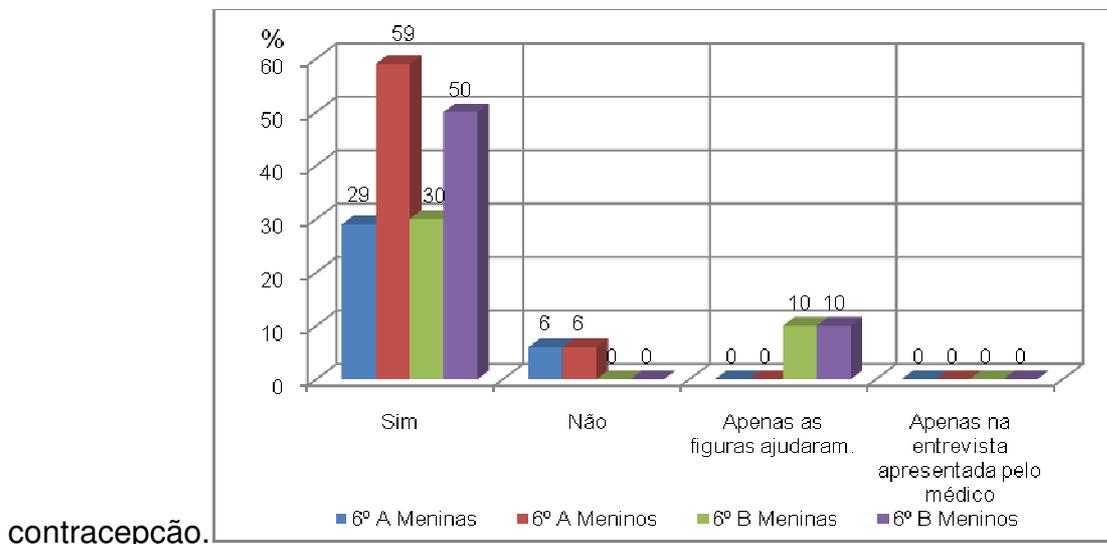
Figura 1 – Caracterização da faixa etária dos alunos envolvidos na pesquisa durante a apresentação do vídeo.



Fonte: Autoria própria

Quando questionados se o vídeo apresentado sobre contracepção esclareceu as dúvidas existentes, 59% dos alunos da turma A e 50% da B afirmaram que sim, enquanto que 29% das meninas da A e 30% na B afirmaram que SIM, o vídeo esclareceu dúvidas. Na turma A, 12% dos alunos de ambos os sexos concordaram ao assinalarem a afirmativa que negou terem sido esclarecidos quanto a contracepção, enquanto que 20% da turma B afirmaram que apenas as figuras foram esclarecedoras (Figura 2).

Figura 2 – O vídeo apresentado esclarece dúvidas sobre a



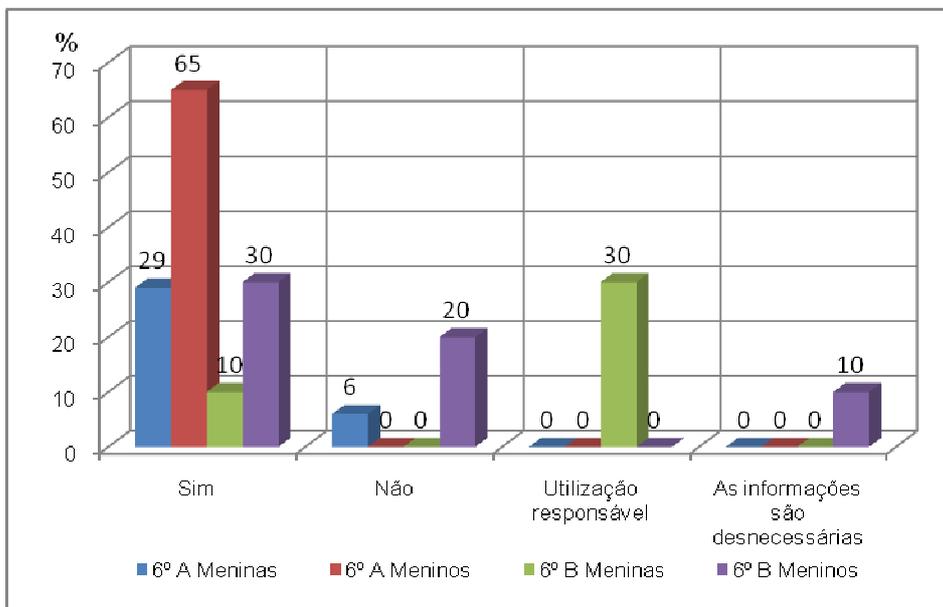
contracepção.

Fonte: Autoria própria

Na questão 3, ao serem perguntados se o vídeo contribuiu para a fixação do conteúdo voltado à contracepção, 94% da turma A, sendo 29% meninas e 65% meninos e 40% da B, constituindo 10% meninas e 30% meninos, assinalaram a assertiva que SIM.

Responderam NÃO apenas 6% das meninas da turma A e 20% dos meninos da B, totalizando 26% dos alunos nas duas turmas. Com utilização responsável foi o que responderam 30% das alunas da turma B e apenas 10% dos alunos pertencentes à turma B responderam que as informações foram desnecessárias (Figura 3).

Figura 3 – Contribuição do vídeo educativo apresentado para a fixação do conteúdo.

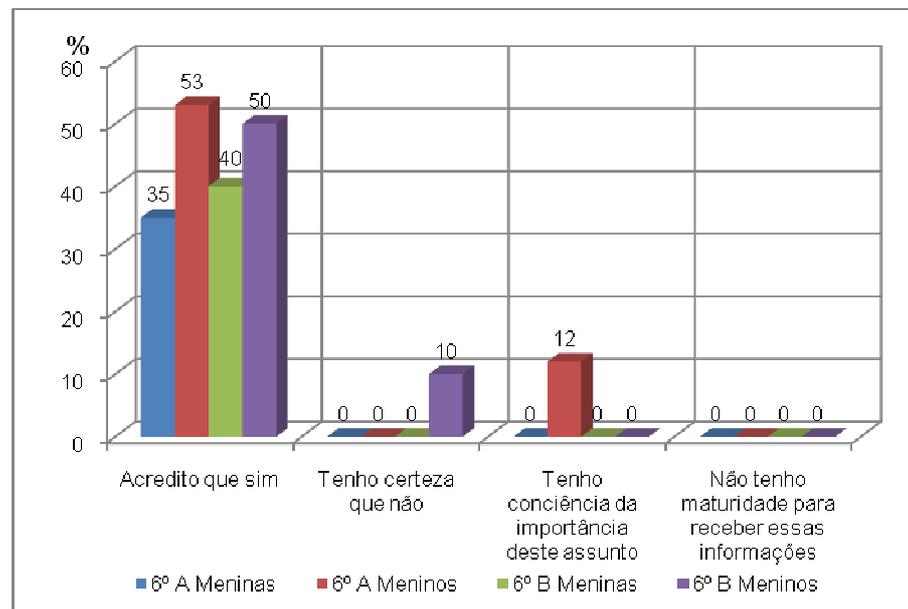


Fonte: Autoria própria

Quando perguntados se o nível de informação apresentado no vídeo pode influenciar na decisão quanto ao uso dos métodos contraceptivos, informaram que SIM, os métodos contraceptivos influenciaram 88% da turma A, sendo que 35% representaram as meninas e 53% os meninos, enquanto que na turma B esta resposta atingiu, 40% das meninas e 50% dos meninos.

Apenas 10% afirmaram ter certeza que não influencia, enquanto que 12% disseram apenas ter consciência da importância deste assunto (Figura 4).

Figura 4 – O nível de informações apresentadas no vídeo e seu poder de persuasão sobre a minha decisão em utilizar quaisquer métodos



contraceptivos.

Fonte: Autoria própria

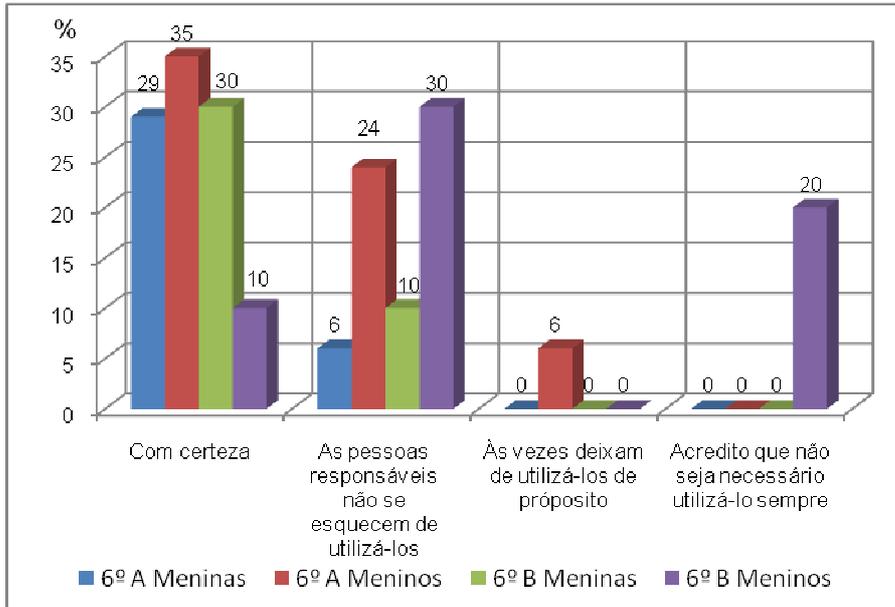
A quinta questão, referia-se se os mesmos acreditam que as pessoas se esquecem de pôr em prática a utilização dos métodos contraceptivos no momento em que há necessidade.

Assinalaram COM CERTEZA 64% dos alunos da turma A, sendo 29% meninas e 35% meninos e 40% da turma B, com 30% de meninas e 10% de meninos.

Já 30% da turma A, distribuídos entre 6% de meninas e 24% de meninos e 40% turma B, sendo 10% meninas e 30% meninos, afirmaram que as pessoas responsáveis não se esquecem de utilizá-los.

Para 20% dos alunos da turma B foi importante assinalar a alternativa: Acreditam não ser necessário utilizar sempre os métodos contraceptivos, que reflete ser um resultado preocupante (Figura 5).

Figura 5 – As pessoas se esquecem de por em prática o conhecimento sobre a utilização do contraceptivo.



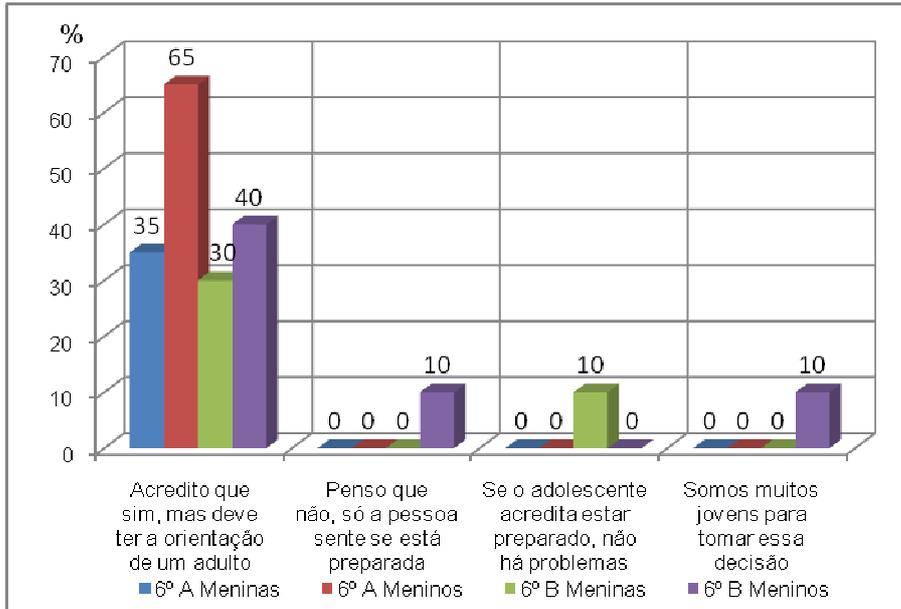
Fonte: Autoria própria

Os estudantes pesquisados foram maioria ao assinalarem a assertiva afirmativa sobre as imagens utilizadas na apresentação do vídeo, sendo consideradas satisfatórias para esclarecer as dúvidas, com 100% entre alunos da turma A e 70% na turma B.

Apenas 10% das meninas da turma B acreditaram que quando o adolescente se sente preparado para uma relação sexual pode-se utilizar a contracepção.

Para essa mesma turma, os demais estudantes, sendo 20% de meninos, optaram por marcar que só a pessoa sente quando está preparada para a contracepção, enquanto 10% assinalaram que são muito jovens para decidir sobre a utilização dos métodos contraceptivos (Figura 6).

Figura 6 – As imagens utilizadas no vídeo foram satisfatórias para a apreensão do conteúdo sobre contracepção.



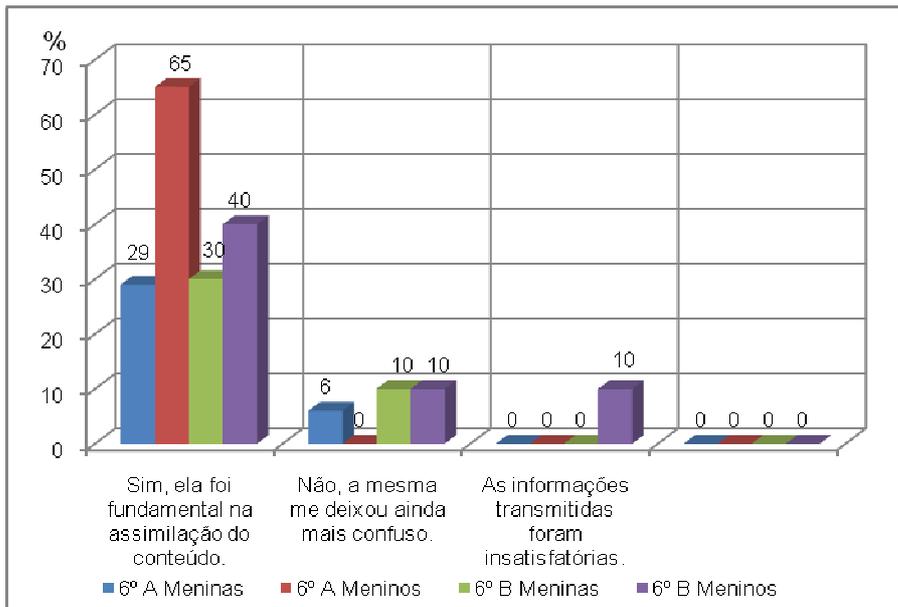
Fonte: Autoria própria

Na sétima questão os alunos foram questionados se os métodos contraceptivos podem ser utilizados por quaisquer pessoas.

As meninas da turma B, com 9% disseram que SIM, e seguindo essa mesma opinião os meninos da A, com 7%, e da B com 22%. Todavia, a maioria dos entrevistados possui consciência que se deve consultar orientação médica para saber qual o melhor contraceptivo para cada pessoa, evidente nas respostas das meninas da turma A, com 45% e da B com 9%, enquanto que os meninos da A foram 45% e da B representaram 44%, sendo esses últimos a maioria.

Destacou-se entre as respostas para essa questão, que as meninas da turma B, com 9%, responderam que o método a ser utilizado depende da opinião da mulher (Figura 7).

Figura 7 – A relevância da entrevista com um especialista durante a exposição do vídeo.



Fonte: Autoria própria

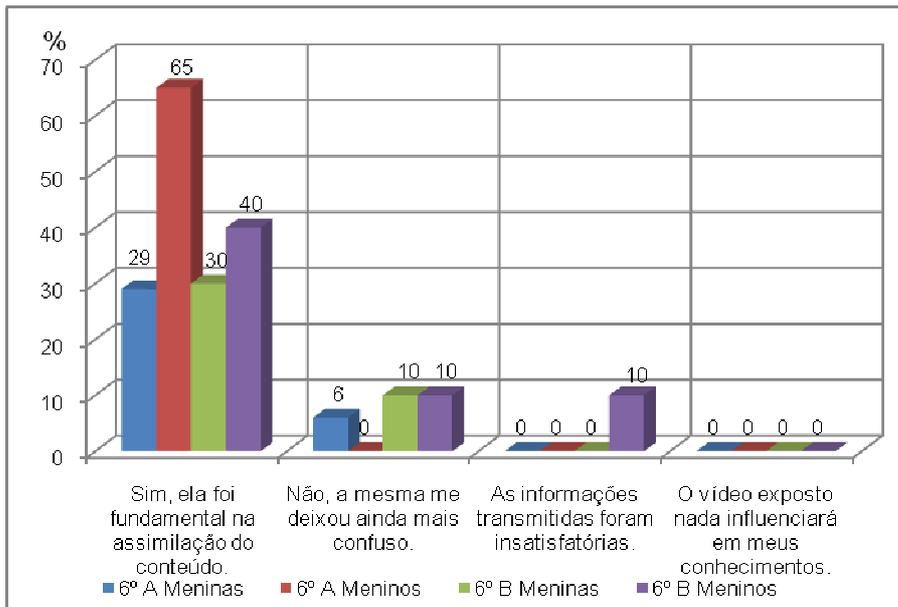
A oitava questão tratou a respeito da importância em se consultar com hebiatra antes de usar qualquer método contraceptivo. As meninas da turma A, com 14% e da B, com 9%, assinalaram que o hebiatra orientará sobre qual método contraceptivo poderá fazer uso.

No entanto, entre os meninos as respostas foram 17% na A e 22% na B. Destacou-se o fato de nenhum aluno nem aluna ter assinalado a alternativa que diz respeito ao médico não influenciar na decisão de qual o método mais eficaz.

Os estudantes marcaram que SIM, o médico influenciará em sua decisão, com 7% entre as meninas da turma A e 17% entre os meninos dessa mesma turma. Na B nenhuma das meninas marcou essa opção, enquanto 17% dos meninos escolheram esta resposta.

A grande maioria acredita que o hebiatra esclarecerá sobre os cuidados que deverão ser tomados na hora de decidir qual o melhor método. Essa foi a decisão de 24% das meninas da turma A e de 18% da B, enquanto que os meninos da A correspondem a 21% e 34% da B (Figura 8).

Figura 8 – A linguagem e a narrativa apresentada ao longo do vídeo foram de fácil compreensão.



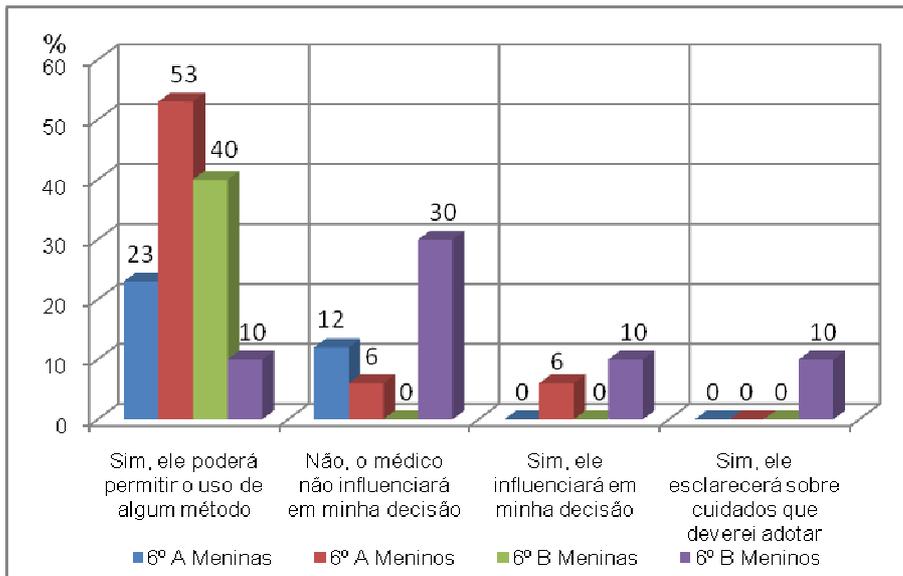
Fonte: Autoria própria

Por fim, perguntados se têm conhecimento se existe algum método contraceptivo mais indicado para o homem ou para mulher, as meninas da turma A responderam com 4% e da B, com 9%, disseram que SIM, existe e que não causa nenhum efeito colateral para um, ou para outro.

Os meninos informaram com 24% na turma A e 26% na B, marcando essa mesma alternativa. A maior parte das respostas esteve concentrada no item de que se deve seguir apenas a orientação médica, com 31% e 4% entre as meninas da A e B, respectivamente, sendo os resultados de 24% para meninos da A e 17% da B. Dependendo da situação hormonal das mulheres foi o que responderam 7% dos meninos da turma A e 22% da B, e para as meninas, com 13% da A.

Somente 10% das meninas da A informaram que tanto o homem quanto a mulher podem usar qualquer método contraceptivo, seguindo essa mesma opinião 9% dos meninos da B (Figura 9).

Figura 9 – As imagens, textos, entrevista e trilha sonora foram essenciais para a assimilação do conteúdo.



Fonte: Autoria própria

A última questão enfocou aspectos de três alternativas para cinco itens, considerados relevantes na avaliação final da atividade de exibição do vídeo educativo sobre contracepção na adolescência (Quadros 1 e 2).

Tabela 1 – Caracterização das informações existentes entre alunos do sexo masculino de ambas as turmas – “O uso do vídeo educativo - a prática contraceptiva para evitar gravidez na adolescência”.

Questões/Alternativas/Turmas	Concordo		Nem concordo nem discordo		Discordo	
	A(%)	B(%)	A(%)	B(%)	A(%)	B(%)
1. Este vídeo educativo é importante para a assimilação de conteúdos voltados à contracepção.	47	50	12	10	6	0
2. Este vídeo deveria ficar disponível também para os alunos.	47	40	18	10	0	10
3. A escola teve papel importante na aprendizagem sobre a contracepção.	41	40	12	10	12	10
4. A utilização de vídeos como este deve ser estendida para as outras turmas da escola.	41	60	12	0	2	0
5. As informações obtidas sobre a contracepção durante a participação nesta pesquisa exercerão grande papel na tomada de decisões (de forma responsável).	53	20	12	40	0	0

Fonte: Autoria própria

Tabela2 – Caracterização das informações existentes entre alunos do sexo feminino de ambas as turmas – “O uso do vídeo educativo - a prática contraceptiva para evitar gravidez na adolescência”.

Questões/Alternativas/Turmas	Concordo		Nem concordo nem discordo		Discordo	
	A(%)	B(%)	A(%)	B(%)	A(%)	B(%)
1. Este vídeo educativo é importante para a assimilação de conteúdos voltados à contracepção.	35	30	0	10	0	0
2. Este vídeo deveria ficar disponível também para os alunos.	23	30	6	10	6	0
3. A escola teve papel importante na aprendizagem sobre a contracepção.	35	30	0	0	0	10
4. A utilização de vídeos como este deve ser estendida para as outras turmas da escola.	35	30	0	10	0	0
5. As informações obtidas sobre a contracepção durante a participação nesta pesquisa exercerão grande papel na tomada de decisões (de forma responsável).	29	40	6	0	0	0

Fonte: Autoria própria

Quando perguntados se o vídeo educativo foi importante para a assimilação de conteúdos voltados à contracepção, 35% das meninas da turma A, 30% da B, 47% dos meninos da turma A e 50% da turma B concordaram com essa afirmação. Nem concordaram nem discordaram esteve representado por 10% das meninas da B, 12% dos meninos da A e 10% da B. Apenas 6% dos meninos da A discordaram que o vídeo seja importante para assimilação de conteúdos sobre métodos contraceptivos.

Ao saber da opinião dos alunos se o vídeo deveria ficar disponível para os demais alunos da escola, 23% das meninas da turma A, 30% da B, 47% dos meninos da A e 40% da B, concordaram que sim. No entanto, 6% das meninas da A, 10% da B, 18% dos meninos da A e 10% da B nem concordaram, nem discordaram. Apenas 6% das meninas da A e 10% dos meninos da B responderam que discordavam que o vídeo deve estar disponível para todos os alunos da escola.

A escola representa papel importante na aprendizagem sobre a contracepção foi a alternativa assinalada por 35% das meninas da turma A, 30% da B, 41% dos meninos da A e 40% da B. Somente 12% dos meninos da A e 10% da B nem concordaram, nem discordaram se a escola tem papel importante como disseminadora de informações sobre contracepção. A escola teve papel importante

na aprendizagem sobre contracepção foi o que marcaram 10% das meninas da B, 12% dos meninos da A e 10% pertencente a B.

A utilização de vídeos como este deve ser estendida a outras turmas da escola obteve registro por 35% das meninas da turma A, 30% da B, 41% dos meninos da A e 60% da B, concordando plenamente que SIM, deve ser estendida. Nem concordaram, nem discordaram foi o que informaram 10% das meninas da A e 12% dos meninos da mesma turma. Discordaram que o vídeo deve ser estendido para outras turmas, foi verificado apenas para 2% entre os meninos da A.

Quando questionados se as informações obtidas sobre contracepção durante a participação nesta pesquisa exercerão grande papel na tomada de decisões, de forma responsável, 29% das meninas da turma A, 40% da B, 53% dos meninos da A e 20% da B concordaram que SIM. Nem concordaram nem discordaram foi o que 6% das meninas da A responderam, juntamente com 12% dos meninos da A e 40% da turma B. Nenhum dos alunos assinalou a alternativa que discordavam sobre a proposta dessa questão.

3.4 Discussão

No momento da exibição do vídeo educativo os alunos do sexo masculino, em ambas as turmas, representaram a maioria. Esse recurso didático foi elaborado e proposto como ferramenta educacional cuja finalidade deteve-se ao complemento informativo destacando esse recurso como ferramenta facilitadora para fixação do conteúdo, corrobora com essa ideia SILVA (2010); VICENTINI; DOMINGUES, (2008); MORAN (2007). Considerando-se ambos os sexos, para as duas classes, a faixa etária prevalecera entre 13 a 14 anos.

Também um número significativo, afirmou que o nível de informação apresentado no vídeo pode influenciar na decisão dos mesmos quanto ao uso dos métodos contraceptivos, sendo a maioria dos alunos da turma B e um número bem próximo pertencente à turma A.

Houve unanimidade entre as duas turmas quando o questionamento se referiu as imagens utilizadas na exposição do vídeo, sendo estas consideradas satisfatórias no esclarecimento de suas dúvidas Dados semelhantes foram obtidos nas pesquisas realizadas por SILVA (2010), VICENTINI; DOMINGUES (2008),

MORAN (2007) e GUTIERREZ (1978). Também ocorreram vários posicionamentos, que permeiam desde que o adolescente sintam-se estar preparado para uma relação, e não haver problema algum em utilizar o contraceptivo e outros considerar-se muito jovens para tomar qualquer decisão sobre a utilização de métodos de contracepção. Ponto a favor para que esses recursos sejam cada vez mais empregados, é o que explana também SILVA (2010), que o vídeo deve ser visto como uma tecnologia que deve ser empregada rotineiramente na sala de aula.

Também MORAN (2007, p. 97) defende ferrenhamente seu uso ao dizer: “Estamos deslumbrados com o computador e a internet na escola e vamos deixando de lado a televisão e o vídeo, como se já estivessem ultrapassados [...]”, ou seja, com o arsenal de novas tecnologias, é certo que ocorreram a substituições do uso de televisões e DVDs por data show, telas de monitores de computadores, onde são acoplados pen drives onde constam vídeos salvos, ou os mesmos são acessados/baixados através da internet.

No entanto, essa ferramenta é vista como um instrumento que contribui de fato para o processo de ensino-aprendizagem desde que seu uso siga um planejamento criterioso, com objetivos, para aproveitá-lo com todas as suas potencialidades é o que também destaca SILVA (2010).

A maior parte dos sujeitos envolvidos nessa pesquisa afirmou que a entrevista concedida por um especialista exibida durante a apresentação do vídeo, contribuiu significativamente no esclarecimento de dúvidas sobre contracepção. Os alunos consideraram ainda que linguagem e narrativa utilizada no decorrer do vídeo favoreceu a assimilação da temática em questão, para um melhor entendimento do que está sendo exposto, o que torna a sua utilização altamente exitosa, principalmente se o professor ao utilizá-lo de forma sistematicamente planejada, pois segundo MANDARINO (2002, p. 2) “os vídeos têm a capacidade de mostrar fatos que falam por si mesmos, mas necessitam do professor para dinamizar a leitura do que se vê”.

3.6 Considerações Finais

Esse trabalho demonstrou que a maior parte dos alunos da escola onde foi realizada a pesquisa tem consciência de que fazer uso de métodos contraceptivos é de extrema importância para a saúde individual. Frente às respostas apresentadas nos resultados após a aplicação do questionário verificou-se que as informações que receberam sobre métodos contraceptivos podem influenciar em suas vidas, inclusive com gravidez na adolescência.

De acordo com a maioria das respostas dos participantes, percebe-se que os mesmos têm consciência da seriedade em se fazer uso de métodos contraceptivos sob orientação e consulta médica.

Percebeu-se que receber informações de um hebiatra é fator preponderante para tomadas de decisões, no que diz respeito ao uso correto dos métodos contraceptivos, assim como qual desses é o mais adequado ao organismo de cada indivíduo.

A partir dessa investigação, ainda pode-se constatar, que os sujeitos envolvidos na pesquisa receberam instruções satisfatórias acerca do tema sobre a utilização de contraceptivos para evitar DST e gravidez indesejada e precoce.

Dentre as informações obtidas, com a aplicabilidade dos questionários nas situações já referidas, notou-se que o professor tem extrema importância no esclarecimento das dúvidas dos adolescentes além de utilizar-se de recursos inovadores a fim de aprimorar sua comunicação/transmissão da informação aos adolescentes tendo em vista a facilitação do mesmo para uma melhor compreensão por parte dos alunos. Cabendo-lhe, no entanto, utilizar-se ainda das diversas opções metodológicas, entre elas as tecnologias educacionais, e torná-las cada vez mais presentes e atuantes dentro da sala de aula, ou seja, no ambiente escolar.

Portanto, o produto educacional elaborado tornou-se um recurso didático eficiente, desde que utilizado como um dos meios para transmitir informações. Também deve ser considerado um canal de conhecimento, formador de telespectadores capazes de formular opiniões e se tornarem sujeitos críticos diante das diversas opiniões da sociedade sobre contracepção na adolescência.

REFERÊNCIAS

ARROIO, A. & GIORDAN, M. O vídeo educativo: Aspectos da organização do ensino. **Química Nova na Escola**, n.24, p.8-11, nov. 2006.

GUTIERREZ, F. **Linguagem total**: uma pedagogia dos meios de comunicação. São Paulo, Summus, 1978.

MORÁN, J. M. O vídeo na sala de aula. **Comunicação & Educação**. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995.

_____. **Desafios na Comunicação Pessoal**. 3a. ed., São Paulo: Paulinas, 2007.

MORÁN, J. M.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

MANDARINO, M. C. F. Organizando o trabalho com vídeo em sala de aula. **Morpheus**, Revista Eletrônica em Ciências Humanas, Ano 1, n. 1. 2002. Disponível em: www.unirio.br/morpheusonline/numero01-2000/monicamandarino.htm-34k. Acessado em 11/07/2014.

PEREIRA, Eliane Cândida. **Refletindo sobre o uso de filmes na escola**. Pesquisa em Educação, Ética e Responsabilidade Social. V EPEAL, Maceió, 9p. 2006. Disponível em: http://www.vivenciapedagogica.com.br/filmes_na_escola?page=0%2C1. Acesso em 10/07/2014.

SACERDOTE, H. C. S. Análise do vídeo como recurso tecnológico educacional. **Revista de Educação, Linguagem e Literatura** da UEG. Inhumas, v. 2, n. 1, mar. p. 28-37. 2010.

SILVA, M. K. M. **Uso da televisão e do vídeo como tecnologias educacionais na Escola Estadual Professora Benedita de Castro Lima**. Pesquisa em Educação, Ética e Responsabilidade Social. V EPEAL, Maceió, 12p. 2010. Disponível em: <http://dmd2.webfactional.com/media/anais/uso-da-televisao-e-do-video-como-tecnologias-educacionais-na-escola-estadual-professora-benedita-.pdf>. Acessado em 10/07/2014.

VICENTINI, G. W.; DOMINGUES, M. J. C. S. O uso do vídeo como instrumento didático e educativo em sala de aula. In: Encontro Nacional dos Cursos de Graduação em Administração. Curitiba: ANGRAD. 2008. Disponível em: <http://home.furb.br/mariadomingues/site/publicacoes/2008/eventos/evento-2008-09.pdf>. Acessado em 10/07/2014.

4 Considerações Gerais

Com a conclusão desse trabalho percebeu-se que houve uma evolução gradativa na aprendizagem sobre a temática em questão – contraceptividade na adolescência - entre os alunos que participaram da pesquisa, devidamente matriculados e oriundos de duas turmas que cursaram o 6º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Pública do litoral Norte de Maceió, capital do estado de Alagoas.

O aprendizado dos alunos ocorreu desde o primeiro contato com o tema contracepção, alcançando a receptividade do assunto por parte dos estudantes, a interação com os colegas e com a professora, através da participação na construção de modelos didáticos, até o momento do encerramento dos ciclos informativos, com a apresentação do vídeo educativo.

A princípio os alunos da turma A, ao contrário dos integrantes da turma B, conseguiram expressar seu desconhecimento do que vem a ser os métodos contraceptivos, a finalidade de uso e tipos de métodos. Todavia, já no último momento, quando aplicado o último questionário avaliativo, percebeu-se que a grande maioria desses alunos, além de afirmarem já ter ouvido falar sobre o tema, conseguiam elaborar conceitos explicativos a respeito da contracepção, o que se tornou um avanço no processo de aprendizagem e no alcance dos objetivos específicos desse estudo.

Passo a passo, os alunos mostraram-se conscientes da importância de se fazer uso dos métodos contraceptivos, ora para evitar gravidez indesejada e precoce, ora para evitar contrair doenças sexualmente transmissíveis. Entretanto, com as informações transmitidas sobre o assunto, os estudantes assimilaram a importância de procurar consultar-se com especialista, o hebiatra, para que possam receber orientações em que momento utilizar métodos contraceptivos, qual o mais indicado para cada um, as doenças que podem ser contraídas pelo desuso ou mesmo o uso errado do método contraceptivo.

Concluída a primeira etapa, do levantamento prévio das informações de que os alunos sabiam informar, receberam as primeiras informações sobre contracepção. Os estudantes foram convidados a construir modelos didáticos dos aparelhos reprodutores: masculino e feminino do ser humano, com materiais reutilizáveis. Abordaram dessa forma a contracepção na adolescência,

concretizando o segundo momento da pesquisa, aliando intervenção por parte da professora, através de palestras de convidados, com o momento lúdico e manual de estudarem de forma dinâmica os aparelhos reprodutores. Com a integração entre os alunos, a participação de todos e a execução por parte deles mesmos, o resultado surgiu em forma de modelos variados, que representavam o aparelho reprodutor feminino e o masculino.

Essa etapa foi executada positivamente consolidando a certeza de que o aprendizado ficou arraigado nas concepções mentais de cada aluno. Portanto, a dinâmica da construção de modelos até o resultado final promoveu aprendizado em relação aos conceitos que possuíam muita dificuldade em assimilar, além de proporcionar um momento prático, lúdico e diferenciado, sem contar que durante a montagem dos modelos didáticos, as dúvidas que surgiram foram sendo sanadas.

Após a construção e exposição dos modelos didáticos, foi novamente aplicado outro questionário, onde ficaram evidenciados posicionamentos acerca do assunto. O fato que se destaca foi que esses adolescentes receberam muitas informações sobre métodos contraceptivos a partir da transmissão de programas televisivos.

Portanto, o uso da televisão pode ser favorável ao processo educativo, exceto pelo fato que boa parte das informações sobre o uso de métodos contraceptivos chegam de forma equivocada aos olhos desses pequenos telespectadores. Os alunos da 6^a. série do Ensino Fundamental são adolescentes que ainda dependem dos adultos, familiares ou responsáveis ou professores, para discernirem sobre o que é certo ou errado. Quando a televisão passa a ser utilizada como um canal educativo, pode ser uma aliada na busca da excelência de transmissão de conteúdo sobre contracepção na adolescência, imprescindíveis para construção do caráter e dos valores dos alunos.

A família também pode exercer o papel de interlocutora junto ao adolescente e explicar-lhe sobre o assunto, por ser considerada o berço inicial do convívio social. Desta forma, os adultos assumem o papel de primeiro transmissor de informações sobre contracepção e assuntos correlatos. Caso contrário, poderão ser facilmente substituídos pela mídia, principalmente televisão e internet, colegas e até mesmo a partir de pessoas mal-intencionadas.

Para a escola, também urge a necessidade de se trabalhar a Educação Sexual em sua totalidade. Para tanto, toda a equipe pedagógica da escola deve trabalhar incansavelmente esse tema.

Os professores, que serão os mediadores e até mesmo atores facilitadores na passagem do conhecimento aos adolescentes, nas mais adversas etapas de desenvolvimento, devem se preocuparem esclarecer as dúvidas, os mitos e os tabus. Torna-se importante romper com os estereótipos, preconceitos e velhos paradigmas. O ideal deve ser prezar pelo diálogo, trocar informações, trabalhar questões biológicas, psicológicas, de direitos humanos e de direitos sexuais.

Por fim, a terceira e última etapa ocorreu, com a apresentação de um vídeo educativo, que fora elaborado e produzido para arrematar todo o conteúdo já ministrado sobre métodos contraceptivos na adolescência.

Para esta finalidade, o uso de vídeo na prática diária do professor tornou-se um excelente recurso didático, desde que utilizado de forma adequada e associando-o de maneira satisfatória ao planejamento didático do professor. Através dessa ferramenta, pode-se introduzir, complementar ou finalizar um assunto. O aspecto visual, de áudio e a imaginação foram desafiados a trabalhar em prol do assunto tratado, e o resultado demonstrou amadurecimento por parte dos alunos.

Ao ser trabalhada a utilização de um vídeo, pode-se ter o seguinte retorno por parte dos alunos do Ensino Fundamental, de que o conteúdo foi esclarecedor, contribuiu para a melhor fixação do conteúdo, pode ter fator preponderante nas tomadas de decisões sobre a importância de utilizar os métodos contraceptivos, por que usar, para que usar e até proporcionar o entendimento de qual a idade e o momento de utilizá-lo.

Sobre o vídeo cabe ainda destacar, que segundo os entrevistados, algumas imagens, entrevistas, conteúdos, linguagens, narrativas, textos e trilhas sonoras atingiram uma boa qualidade.

Conclui-se que em todas as etapas ficou visível a aceitação e a disponibilidade desses alunos em querer aprender sobre o tema, mostrando-se atentos, participativos, colaborativos, curiosos e entusiasmados com os questionamentos e projetos propostos. Além disso, os estudantes foram receptivos às novas informações, também se sentiram preparados para conversar sobre assuntos como esse, por acreditarem que devido à fase púbere, a qual estão passando, torna-se esse o momento oportuno.

Em todas as etapas desse estudo destacou-se a importância em trabalhar a temática contracepção na adolescência perante os alunos, com o rumo principal de prepará-los para uma vida sexual de forma segura e saudável. Propôs-se despertá-los para o fato de tomarem decisões responsáveis, quando do momento de iniciarem sua vida sexual, atentando para questões que envolvem os cuidados com o seu corpo. Desta forma evitariam situações futuras indesejadas, como a contração de uma doença sexualmente transmissível ou mesmo de uma gravidez precoce e indesejada. Dessa forma, se torna cada vez mais importante orientar os adolescentes quanto à temática abordada, a contraceptividade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. C. C.; AQUINO, E. M. L.; GAFFIKIN, L.; MAGNANI, R. J. Uso de contracepção por adolescentes de escolas públicas na Bahia. **Revista de Saúde Pública**, v.37, n.5, p.566-75. 2003.

ALMEIDA, A. C. C. H.; CENTA, M. L. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v.22, n.1, p.71-76. jan./feb. 2009.

ALTMANN, H. Verdades e Pedagogias na Educação Sexual em uma escola. Tese de Doutorado em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 226 f. 2005. Disponível em: <http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1827/1/tese.pdf>>. Acessado em 20/05/2011.

_____. A sexualidade adolescente como foco de investimento político-social. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 46, p. 287-310, dez. 2007.

AQUINO, E. M. L.; HEILBORN, M. L.; KNAUTH, D.; BOZON, M.; ALMEIDA, M. C.; ARAÚJO, J.; MENEZES, G. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. **Cadernos de Saúde Pública**, v.19 (Suppl. 2), S377-S388. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S0102-311X2003000800019&lng=en&tlng=pt.10.1590/S0102-311X2003000800019>>. Acessado em 20/05/2011.

BRAGA, A. J.; ARAÚJO, M. M.; VARGAS, S. R.; LEMES, A. **Usos dos jogos didáticos em sala de aula**. 10p., 2007. Disponível em: <<http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2007/artigos/letras/242.pdf>>. Acessado em 03/03/2013.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual**. Brasília: MEC/SEE, p. 285-336. 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/ SEF, 436p. 1998.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. **Assistência em Planejamento Familiar: Manual Técnico/Secretaria de Políticas de Saúde, Área Técnica de Saúde da Mulher, 4ª ed.**, Brasília: Ministério da Saúde, 150p. 2002.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. **Normas para pesquisa envolvendo seres humanos** (Res. CNS nº. 196/96 e outras) 2a. ed., Brasília, 106 p. 2003.

_____. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Indicadores Sócio demográficos e de Saúde no Brasil.

Brasília, DF. 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>> Acessado em 03/12/2013.

_____. Ministério da Saúde. **DATASUS**. Departamento de informática do sistema único de Saúde. MS/SVS/DASIS - Sistema de Informações sobre Estatísticas de gestantes adolescentes. Brasília, DF. 2010. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinasc/cnv/nvuf.def>. Acessado em 11/04/2013.

BRITZMAN, D. P. Sexualidade e cidadania democrática. In: SILVA, L. H. (org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BORDINI, S. C. O lugar da educação para a sexualidade na disciplina de ciências e suas relações com saber científico. **Contexto & Educação**, v. **88**, p.62-76. Jul./Dez. 2012.

CAMARGO, B. V.; BOTELHO, L. J. Aids, Sexualidade e atitudes de adolescentes sobre Proteção contra o HIV. **Revista de Saúde Pública**, v. **41**, n.1, p.61-68. Fev. 2007.

CAMARGO, E. A. I.; FERRARI, R. A. P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciências e Saúde Coletiva**, v.14, nº. 3, p. 937–946. Rio de Janeiro. Maio/Jun. 2009.

CASTOLDI, R; POLINARSKI, C. A. **A utilização de Recursos didático-pedagógicos na motivação da aprendizagem**. In: II SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE CIENCIA E TECNOLOGIA. Ponta Grossa, PR. 2009. Disponível em:<http://www.pg.utfpr.edu.br/sinect/anais/artigos/8%20Ensinodecienciasnasseriesiniciais/Ensinodecienciasnasseriesinicias_Artigo2.pdf>. Acessado em 03/12/2013.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO; MEC; Coordenação Nacional de SDT/AIDS, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, Instituto Airton Senna, 426 p. 2004.

COSTA, M. C. O.; PINHO, J. F. C.; MARTINS, S. J. Aspectos psicossociais e sexuais de gestantes adolescentes em Belém – Pará. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v.71, n.3, p.151-157. 1995.

DIAZ, M.; MELLO, M. B.; SOUSA, M. H.; CABRAL, F.; SILVA, R. C.; CAMPOS, M.; FAÚNDES, A. Outcomes of three different models for sex education and citizenship programs concerning knowledge, attitudes, and behavior of Brazilian adolescents. **Cadernos Saúde Pública**, v. **21**, n. 2, p. 589-597. 2005.

DUARTE, G. A.; ALVARENGA, A. T.; OSIS, M. J. D.; FAÚNDES, A.; SOUZA, M. H. Participação masculina no uso de métodos contraceptivos. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 19, p.207-16. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000100023&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 03/12/2013.

FELIPE, J. **Sexualidade nos livros infantis: relações de gênero e outras implicações.**In: MEYER, D. E. (org.) Saúde e Sexualidade na escola. Cadernos Educação Básica 4. Porto Alegre: Mediação, p. 111-124. 1998.

FREITAS, L. A. M.; BARROSO H. F. D.; RODRIGUES H. G.; AVERSI-FERREIRA, T. A. Construção de modelos embriológicos com material reciclável para uso didático. **Bioscience Journal**, Uberlândia, v. **24**, n.1, p. 91-97, 2008.

FURLANI, J. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (org.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, p. 66-81. 2003.

GALAGOVSKY, L.; ADÚRIZ-BRAVO, A. Modelos y analogias em la enseñanza de las ciencias naturales: el concepto de modelo didático analógico. **Enseñanza da las Ciencias.** v. **2**, p. 231-242. 2001.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª ed., São Paulo: Atlas. 2002.

GTPOS - **Guia de Trabalho e Orientação Sexual: Diretrizes e Metodologia.** Fórum Nacional de Educação e Sexualidade. 7ª ed., São Paulo: Casa do Psicólogo. 112p. 1994.

GUIMARÃES, A. M. A. N.; VIEIRA, M. J.; PALMEIRA, J. A. Informações dos adolescentes sobre métodos anticoncepcionais. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, v.11, n.3, p. 2-15. 2003.

GUTIERREZ, F. **Linguagem total:** uma pedagogia dos meios de comunicação. São Paulo, Summus, 1978.

LEPIENSKI, L. M. **Recursos didáticos no ensino de biologia e ciências.** 2009. Disponível em: <<http://www.diadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/400-2.pdf>>. Acessado em 03/12/2013.

LIMA, A.; NUÑEZ, I. B. Aprendizagem por modelos: utilizando modelos e analogias. In: **Fundamentos do ensino - aprendizagem das Ciências Naturais e da Matemática.** Porto Alegre: Sulina, p. 245-263. 2004.

LOPES, M. G. **Jogos na educação:** criar, fazer, jogar. 5ª ed., São Paulo: Cortez. 2000.

MANDARINO, M. C. F. Organizando o trabalho com vídeo em sala de aula. **Morpheus**, Revista Eletrônica em Ciências Humanas, Ano 1, n. **1**. 2002. Disponível em: www.unirio.br/morpheusonline/numero01-2000/monicamandarino.htm-34k. Acessado em 11/07/2014.

ENDES, S. S.; MOREIRA, R. M. F.; MARTINS, C. B. G; SOUZA, S. P. S.; MATOS, K. F. Saberes e atitudes dos adolescentes frente à contracepção. **Revista Paulista de Pediatria**, v. **29**, n. 3, p.385-391. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext>. Acessado em 15/09/2011.

MONTARDO, J. L. Gravidez em Adolescentes. **Contexto e Educação**, v. 71/72, p. 93-109. 2004.

MORAN, J. M. **Desafios na comunicação pessoal**. 3a. ed., São Paulo: Paulinas. 2007.

MORAN, J. M.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000.

OLIVEIRA, M. W. Gravidez na adolescência: dimensões do problema. **Cadernos Cedex**, Campinas, v.19, n.45, p.48-70. 1998.

PINTO, H. D. S. A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar. In: AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. 3ª ed., São Paulo: Summus, p. 43-51. 1997.

PNUD. Atlas do Desenvolvimento Humano dos Municípios. 2013. Disponível em: http://www.pnud.org.br/IDH/Default.aspx?indiceAccordion=1&li=li_AtlasMunicipios. Acessado em 30/06/2014.

PREDEBON, F; DEL PINO, J. C. Uma análise evolutiva de modelos didáticos associados às concepções didáticas de futuros professores de Química envolvidos em um processo de intervenção formativa. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 14 (2), p. 237-254, 2009.

SABROZA, A. R.; LEAL, M. C.; GAMA, S. G. N.; COSTA, J. V. Perfil sócio demográfico e psicossocial de puérperas adolescentes no município do Rio de Janeiro, Brasil, 1999-2001. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20 (supl. 1), p.112-120. 2004.

SACERDOTE, H. C. S. Análise do vídeo como recurso tecnológico educacional. **Revista de Educação, Linguagem e Literatura** da UEG. Inhumas, v. 2, n. 1, mar. 2010. p. 28-37. 2010.

SANTOS, V. P. A.; SILVA, K. S.; NOVAIS, R. M.; MARCONDES, M. E. R. **Modelos didáticos revelados no discurso de professores em formação**. 2008. Disponível em: http://link.smartscreen.live.com/?l=http%3a%2f%2fwww.cienciamao.usp.br%2ftudo%2fexibir.php%3fmidia%3deneq%26amp%3bcod%3d_modelosdidaticosrevelado&p=1&u=&r=AGQ=&d=l&c=TznZqFS+7UiCkoyTfTp1oA==&y=E302E&h=YtyE02gl . Acessado em 03/12/2013.

SILVA, M. K. M. **Uso da televisão e do vídeo como tecnologias educacionais na Escola Estadual Professora Benedita de Castro Lima**. Pesquisa em Educação, Ética e Responsabilidade Social. V EPEAL, Maceió, 12p. 2010. Disponível em: <http://dmd2.webfactional.com/media/anais/uso-da-televisao-e-do-video-como-tecnologias-educacionais-na-escola-estadual-professora-benedita-.pdf>. Acessado em 10/07/2014.

SILVA, R. P.; FIGUEIREDO, A. D. L. Educação sexual no ensino fundamental: o trabalho com alunos do 9º ano. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. **15**, n.1, p. 161-176. 2012.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. 20ª ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
SUPLICY, M.; EGYPTO, A. C.; BRANCO, C. C.; GONÇALVES, E. V.; MENOCCI, D. T.; SILVA, R. C.; SAYÃO, Y.; SILVA, M. R.; BOCK, S. D.; SILVA, M. C. P. **Sexo se aprende na escola**. GTPOS – Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual. 2a ed., São Paulo: Olho d'Água, 1998.

TRIVELATO, S. L. F.; OLIVEIRA, O. B. Prática docente: o que pensam os professores de Ciências Biológicas em formação? **TEIAS**: Rio de Janeiro, ano 7, nº **13-14**, jan/dez, p. 1-11. 2006.

VICENTINI, G. W.; DOMINGUES, M. J. C. S. O uso do vídeo como instrumento didático e educativo em sala de aula. **In**: Encontro Nacional dos Cursos de Graduação em Administração. Curitiba: ANGRAD. 2008. Disponível em: <http://home.furb.br/mariadomingues/site/publicacoes/2008/eventos/evento-2008-09.pdf>. Acessado em 10/07/2014.

VIVARTA, V. Mídia: quando a informação é o melhor remédio. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas Públicas de Saúde. Área do adolescente e do jovem. A saúde do adolescente. **Cadernos Juventude Saúde e Desenvolvimento**, v.1, n.2, p.213-22. 1999.



APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

PESQUISA: MODELOS DIDÁTICOS COMO FACILITADORES NA AQUISIÇÃO DE CONCEITOS RELACIONADOS À CONTRACEPÇÃO.

ESTA PESQUISA CONTA COM PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA!

Caro Adolescente: este projeto visa buscar diferentes formas de transmitir-lhe conceitos sobre a sexualidade do ser humano, discutir sobre métodos contraceptivos, além de estimular a sua participação em atividades práticas no decorrer do processo.

NÃO É NECESSÁRIO SE IDENTIFICAR.

Sexo: () Masc. () Fem.	Bairro:	Cidade:	Estado:
--------------------------	---------	---------	---------

Em sua residência:

- () os responsáveis trabalham com carteira assinada.
 () apenas seu pai **e/ou** sua mãe trabalham com carteira assinada.
 () os responsáveis trabalham de maneira informal.
 () sobrevivemos apenas com auxílio de algum programa do governo.

1. Idade	
a) ()	11 anos.
b) ()	12 anos.
c) ()	13 anos.
d) ()	Acima de 14 anos.

2. Já ouviu falar em contracepção?	
a) ()	Sim.
b) ()	Sim, mas não sei o que é.
c) ()	Não.
d) ()	Não gostaria de revelar.

3. Em que local você já ouviu falar em contracepção?	
a) ()	Em casa.
b) ()	Na escola.
c) ()	Na igreja.
d) ()	Em programas de TV.

4. Você tem curiosidade em saber sobre este assunto de forma responsável?	
a) ()	Sim.
b) ()	Não.
c) ()	Tenho consciência da responsabilidade de conhecer esse assunto.
d) ()	Alguns adultos próximos relatam que saberei sobre o assunto na maioria.

5. A partir dos seus conhecimentos, você saberia definir contracepção?	
a) ()	Já ouvi falar, mas não sei exatamente do que se trata.
b) ()	Já ouvi falar e seria capaz de definir o que é.
6. Você considera importante que o adolescente saiba ou conheça sobre os métodos contraceptivos?	
a) ()	Já ouvi falar, mas não gostaria de revelar sobre este assunto.
b) ()	Sim. Não saberia, pois desconheço este assunto.
c) ()	Não.
d) ()	Talvez seja, depende da cabeça de cada um.
e) ()	Nesta idade somos muitos jovens para receber informações sobre este tema.

7. De acordo com o seu conhecimento você informaria que a contracepção serve para:	
a) ()	evitar doenças sexualmente transmissíveis.
b) ()	evitar filhos.
c) ()	planejar quantos filhos poderei ter.
d) ()	prática abortiva.

8. Você acredita que a contracepção contribui para a saúde do ser humano?	
a) ()	Sim.
b) ()	Não.
c) ()	Depende do pensamento feminino.
d) ()	Depende do pensamento masculino.

9. De acordo com o seu conhecimento quem deveria decidir sobre a contracepção?	
a) ()	A família.
b) ()	As pessoas envolvidas no relacionamento.
c) ()	O médico.
d) ()	A igreja.

10. A tabela abaixo apresenta afirmações seguidas de números (1, 2 e 3). Os números se referem ao grau de concordância para a afirmação da proposta. Os números com os respectivos graus de concordância são:

(1)	(2)	(3)	Veja um exemplo de resposta:				
Concordo	Nem discordo nem concordo	Discordo	Nº	Quesito	Opções		
			1	Quem mora no Brasil é brasileiro	X	2	3

Para responder, marque com um "X" o número à direita que expresse melhor a sua opinião. Lembrem-se, todos os quesitos se referem Contracepção.							
Nº	Quesitos				Opções		
1	Considero-me um adolescente capaz de receber informações sobre a contracepção.				1	2	3
2	Sua família se interessa e contribui para a sua contracepção.				1	2	3
3	A escola contribui para a aprendizagem dos alunos sobre a contracepção.				1	2	3
4	Gostaria que outras turmas e séries tivessem a mesma oportunidade que a sua e que este se tornasse um projeto contínuo.				1	2	3
5	Considero este projeto sobre contracepção de grande importância na minha escola.				1	2	3

Obrigada por sua colaboração!
Profª Jaqueline Paranhos.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

PESQUISA: MODELOS DIDÁTICOS COMO FACILITADORES NA AQUISIÇÃO DE CONCEITOS RELACIONADOS À CONTRACEPÇÃO.

ESTA PESQUISA É DE PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA!

Adolescente, agora que você obteve diversas informações acerca da Contracepção, sinta-se convidado a responder a segunda etapa desta pesquisa. O objetivo principal foi o de buscar diferentes formas de transmitir-lhe conceitos sobre a sexualidade do ser humano, discutir sobre métodos contraceptivos, além de envolvê-lo em atividades práticas no decorrer do processo.

NÃO É NECESSÁRIO SE IDENTIFICAR.

Sexo: () Masc. () Fem.	Bairro:	Cidade:	Estado:
-----------------------------	---------	---------	---------

1. Idade		2. Fazer uso de métodos contraceptivos é importante para a saúde do indivíduo?	
a) ()	11 anos.	a) ()	Sim.
b) ()	12 anos.	b) ()	Não.
c) ()	13 anos.	c) ()	Depende do que se pretende.
d) ()	Acima de 14 anos.	d) ()	Não gostaria de revelar.

3. Você acredita que a utilização do método contraceptivo é obrigatória?		4. O nível de informação a respeito desta temática pode influenciar na utilização desses métodos de forma correta?	
a) ()	Sim.	a) ()	Acredito que sim.
b) ()	Não.	b) ()	Tenho certeza que não.
c) ()	Deve ser algo utilizado com responsabilidade.	c) ()	Tenho consciência da importância desse assunto ao longo da minha vida.
d) ()	Não preciso de informações para utilizá-lo.	d) ()	Não tenho maturidade para aprender e ou obter informações sobre este tema.

5. As pessoas esquecem de pô-los em prática?	
a) ()	Com certeza.
b) ()	As pessoas responsáveis não se esquecem de utilizá-los.

6. Você acredita que existe uma idade certa para fazer uso de métodos contraceptivos?	
c) ()	As vezes deixam de usa-los de proposito.
d) ()	Acredito que não seja necessário utilizá-lo sempre.
a) ()	Acredito que sim, mas deve ter a orientação de um adulto.
b) ()	Penso que não, é um momento que só a pessoa sente se está preparada.
c) ()	Se a pessoa está preparada para utilizá-lo no momento que chega a fase da adolescência, não há problemas em se prevenir.
d) ()	Nesta idade somos muitos jovens para tomarmos decisões sobre este tema.

7. Qualquer que seja o método contraceptivo ele deve ser utilizado por qualquer pessoa?	
a) ()	Sim, sem problema algum.
b) ()	Não, deve-se consultar a orientação médica antes de utilizá-los.
c) ()	Depende da opinião da mulher.
d) ()	Depende da opinião do homem.

8. Antes de fazer uso de contraceptivos é importante consultar-se com um médico hebiatra?	
a) ()	Sim, ele poderá permitir o uso de algum método contraceptivo.
b) ()	Não, o médico não influenciará na minha decisão.
c) ()	Sim, ele influenciará na minha decisão.
d) ()	Sim, ele poderá esclarecer sobre os cuidados que deverei adotar antes do uso.

9. Há algum contraceptivo que seja mais indicado para o homem ou para a mulher?	
a) ()	Sim, sem causar nenhum efeito colateral para ambos.
b) ()	Não, deve-se seguir apenas a orientação médica.
c) ()	Depende da situação hormonal.
d) ()	Qualquer um pode ser utilizado sem restrição.

10. A tabela abaixo apresenta afirmações seguidas de números (1, 2 e 3). Os números se referem ao grau de concordância para a afirmação da proposta. Os números com os respectivos graus de concordância são:

(1)	(2)	(3)	Veja um exemplo de resposta:		
Concordo	Nem discordo nem concordo	Discordo	Nº	Quesito	Opções
			1	Quem mora no Brasil é brasileiro	X 2 3

Para responder, marque com um "X" o número à direita que expresse melhor a sua opinião. Lembrem-se, todos os quesitos se referem ao estudo da Contracepção.

Nº	Quesitos	Opções		
1	Considero-me um adolescente bem informado sobre a contracepção.	1	2	3
2	Minha família também contribui com a minha orientação sobre contracepção.	1	2	3
3	A escola teve papel importante na aprendizagem sobre a contracepção.	1	2	3
4	Durante a etapa informativa, com o ciclo de palestras, concluí estar seguro (a) sobre os novos conhecimentos obtidos em relação à contracepção.	1	2	3
5	As informações por mim obtidas sobre a contracepção exercerão grande papel em decisões (de forma responsável) que envolvam a minha sexualidade.	1	2	3

Obrigada por sua colaboração!
Jaqueline Paranhos.



APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

**PESQUISA: MODELOS DIDÁTICOS COMO FACILITADORES NA AQUISIÇÃO DE
CONCEITOS RELACIONADOS À CONTRACEÇÃO NA ADOLESCÊNCIA.**

ESTA PESQUISA É DE PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA!

Adolescente, agora que você obteve diversas informações acerca da contraceção, sinta-se convidado a responder a segunda etapa desta pesquisa. O objetivo principal foi o de buscar diferentes formas de transmitir-lhe conceitos sobre a sexualidade do ser humano, discutir sobre métodos contraceptivos, além de envolvê-lo em atividades práticas no decorrer do processo.

NÃO É NECESSÁRIO SE IDENTIFICAR.

Sexo: () Masc. () Fem.	Bairro:	Cidade:	Estado:
-----------------------------	---------	---------	---------

1. Idade		2. O vídeo apresentado sobre contraceção esclareceu suas dúvidas?	
a) ()	11 anos.	a) ()	Sim.
b) ()	12 anos.	b) ()	Não.
c) ()	13 anos.	c) ()	Apenas as figuras ajudaram.

3. O vídeo contribuiu para a fixação do conteúdo voltado à contraceção?		4. O nível de informação apresentado no vídeo exercerá influência na minha decisão quanto ao uso dos métodos contraceptivos?	
a) ()	Sim.	a) ()	Acredito que sim.
b) ()	Não.	b) ()	Tenho certeza que não.
c) ()	Alguns trechos, apenas.	c) ()	Tenho consciência da importância desse assunto ao longo da minha vida.
d) ()	As informações contidas no vídeo são desnecessárias, já fui esclarecido.	d) ()	Não tenho maturidade para aprender e ou obter informações sobre este tema.

5. Você acredita que as pessoas esquecem de por em prática a utilização dos métodos contraceptivos no momento em que há necessidade?	
a) ()	Com certeza.
b) ()	As pessoas responsáveis não se esquecem de utilizá-los.
c) ()	Às vezes deixam de usá-los de propósito.
d) ()	Acredito que não seja necessário utilizá-lo sempre.

6. A respeito das imagens utilizadas na apresentação do vídeo, foram satisfatórias para esclarecer suas dúvidas?	
a) ()	Acredito que sim.
b) ()	Penso que não.
c) ()	As imagens dificultaram a minha compreensão.
d) ()	Não havia necessidade de expor imagens, apenas textos.

7. A entrevista concedida por um especialista, na apresentação do vídeo, contribuiu para o esclarecimento de suas dúvidas a respeito da contraceção?	
a) ()	Sim, ela foi fundamental na assimilação do conteúdo.
b) ()	Não, a mesma me deixou ainda mais confuso.
c) ()	As informações transmitidas foram insatisfatórias.
d) ()	O vídeo exposto nada influenciará em meus conhecimentos.

8. A linguagem e a narrativa utilizada ao longo do vídeo contribuiu para um melhor entendimento do que estava sendo exposto durante a exposição das imagens?	
a) ()	Sim. Imagens, entrevista, texto e narrativas complementaram um ao outro.
b) ()	Sim. Acredito que apenas as imagens e o texto foram satisfatórios para a compreensão do conteúdo.
c) ()	Não. Pois acredito que deveria ter sido utilizado apenas imagens e textos.
d) ()	Acredito que a entrevista com o especialista era suficiente para esclarecer minhas dúvidas.

9. As imagens, os textos, a entrevista e a trilha sonora foram essenciais para a conclusão na assimilação do conteúdo em questão?	
a) ()	A organização dos mesmos ao longo do vídeo foi satisfatória.
b) ()	Deveria conter apenas imagens e textos.
c) ()	Deveria conter apenas a entrevista.
d) ()	Este vídeo educativo não despertou meu interesse.

10. A tabela abaixo apresenta afirmações seguidas de números (1, 2 e 3). Os números se referem ao grau de concordância para a afirmação da proposta. Os números com os respectivos graus de concordância são:

(1)	(2)	(3)	Veja um exemplo de resposta:		
Concordo	Nem discordo nem concordo	Discordo	Nº	Quesito	Opções
			1	Quem mora no Brasil é brasileiro	X 2 3

Para responder, marque com um "X" o número à direita que expresse melhor a sua opinião. Lembrem-se, todos os quesitos se referem ao estudo da Contracepção.

Nº	Quesitos	Opções		
1	Este vídeo educativo é importante para a assimilação de conteúdos voltados à contracepção.	1	2	3
2	Este vídeo deveria ficar disponível também para os alunos.	1	2	3
3	A escola teve papel importante na aprendizagem sobre a contracepção.	1	2	3
4	A utilização de vídeos como este deve ser estendida para as outras turmas da escola.	1	2	3
5	As informações por mim obtidas sobre a contracepção durante a participação nesta pesquisa exercerão grande papel na tomada de decisões (de forma responsável).	1	2	3

**Obrigada por sua colaboração!
Jaqueline Paranhos.**

ANEXO A – APROVAÇÃO DO PROJETO PELO COMITÊ DE ÉTICA DA UFAL

7



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Análise do Projeto de Pesquisa nº 022213/2011-02

O projeto de pesquisa intitulado *CONSTRUÇÃO DE MODELOS DIDÁTICOS COMO FACILITADORES NA AQUISIÇÃO DE CONCEITOS RELACIONADOS À ORIENTAÇÃO SEXUAL*, de autoria de Jaqueline Pivanhões dos Santos Meizis, foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa no dia 27 de outubro de 2011. Trata-se de um projeto de dissertação de mestrado, submetido ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática - Universidade Federal de Alagoas, que tem orientação da Profa. Dra. Hilda Helena Szwarcoska. O estudo tem por objetivo geral "orientar os discentes sobre conceitos relacionados à contracepção entre adolescentes, através da construção de modelos didáticos". Como objetivos específicos, o estudo pretende: (i) "realizar um levantamento do nível de informação do aluno acerca da reprodução humana, relacionando com o nível socioeconômico das famílias"; (ii) "orientar os alunos sobre a importância da contracepção"; e (iii) "construir um modelo didático dos sistema reprodutor masculino e feminino a partir de resíduos sólidos voltados à Orientação Sexual".

O projeto de pesquisa apresenta: (i) introdução, (ii) objetivos (geral e específicos), (iii) justificativa, (iv) revisão bibliográfica, (v) metodologia, (vi) cronograma, e (vii) referências bibliográficas. Acompanha o projeto os seguintes documentos: (i) Tabela de Tosto, (ii) modelo de termo de consentimento livre e esclarecido, (iii) orçamento, (iv) modelo de entrevistas a serem aplicadas, (v) carta de anuência da instituição onde os dados serão coletados, e (vi) currículo dos pesquisadores envolvidos no estudo.

Como metodologia, o projeto propõe (i) a orientação de alunos mediante o uso de materiais informativos (acerca da contracepção e do respeito) e procedimentos de descarte de resíduos sólidos a serem elaborados pela autora do projeto, e (ii) aplicação de dois questionários estruturados a serem aplicados antes e depois da orientação referida acima. O primeiro questionário tem por objetivo "averiguar os conhecimentos prévios dos alunos relacionados à Orientação Sexual". O segundo questionário visa "avaliar o nível de assimilação da temática proposta". A pesquisa será realizada em duas turmas do sexto ano em uma escola estadual no município de Maceió, com alunos de faixa etária entre 11 e 13 anos, momento que, de acordo com a autora, é "caracterizado pela explosão do hormônio".

Após análise, e de acordo com a Resolução do CNS 196/96, os seguintes problemas foram identificados:

1. A Folha de Rosto indica que a coleta de dados será feita com 78 sujeitos. É preciso explicitar a motivação para este número.
2. Não há critérios claros de inclusão e exclusão de sujeitos de pesquisa; esses critérios precisam ser estabelecidos.
3. O projeto indica que o estudo será feito com sujeitos de 11-17 anos. De acordo com os critérios estabelecidos pelo CONEP, trata-se de um "grupo especial". Apontar essa informação na Folha de Rosto, no item 10.
4. O modelo de TCLE apresentado não foi redigido de forma a indicar que serão os responsáveis pelos sujeitos de pesquisa que autorizarão a sua participação no estudo. Um novo modelo precisa ser apresentado, em que isso esteja claro.
5. O modelo de TCLE apresentado não informa os possíveis riscos à saúde física ou mental do sujeito; recomenda-se que se indique a existência de "risco mínimo", sendo este o caso.
6. O modelo de TCLE aponta que o sujeito será indenizado por despesas que venha a ter e por danos que venha a sofrer, afirmando existir recursos para tal. Esses recursos deverão constar no orçamento do projeto.

Portanto, recomendo ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFAL que o presente projeto fique em pendência até que os problemas acima apontados sejam esclarecidos/solucionados.

Protocolo de Pesquisa
com Pendência

Maceió, 16 de novembro de 2011

09/12/2011

Aliyfrancisco

Prof. Dr. Aliyfrancisco
Coordenador
Ética em Pesquisa - UFAL

Pendência atendida.

Protocolo de Pesquisa

ALRO VAGO.

29/13/2012

Prof. Dr. Mariana Francisco
Coordenadora
Ética em Pesquisa - UFAL

ANEXO B – LICENÇA PARA USO DIREITOS AUTORAIS DA MÚSICA

Master Recording / Synchronization License

THIS LICENSE AGREEMENT IS A LEGALLY BINDING AGREEMENT BETWEEN EACH END USER (I.E., A PURCHASER OF A [FREEPLAY MUSIC] LICENSE REQUIRING A FEE) AND [FREEPLAY MUSIC LLC], HEREAFTER, THE "LICENSEE" AND "LICENSOR". BY CLICKING ON THE "I AGREE" BUTTON BELOW, YOU ARE INDICATING THAT YOU HAVE READ THIS LICENSE AGREEMENT, THAT YOU UNDERSTAND IT, THAT YOU CONSENT TO BE BOUND BY ALL THE TERMS AND CONDITIONS HEREIN, AND THAT YOU ARE OVER THE AGE OF EIGHTEEN. IF YOU DO NOT AGREE TO THESE TERMS, YOU SHOULD CLICK "I DO NOT AGREE," AND STOP THE LICENSING PROCESS. If you are accepting on behalf of your employer or another entity, you represent and warrant that: (i) you have full legal authority to bind your employer, or the applicable entity, to these terms and conditions; (ii) you have read and understand this License Agreement; and (iii) you agree, on behalf of the party that you represent, to this License Agreement. If you don't have the legal authority to bind your employer or the applicable entity, please do not click the "I Agree" button below. This License Agreement governs your access to and use of the Composition(s), under the following terms and conditions:

This agreement dated as of April 22, 2016 is by and between JAQUELINE MORAIS and [Freeplay Music LLC]. In consideration for the mutual promises contained herein, the parties hereto hereby agree to the following license terms and conditions:

1. LICENSE FEE: (US\$0.00)
2. Title of Production: N/A
3. Type of Clearance: Master / Synchronization
4. Type of Use: Education In-Classroom Use
5. Composition(s)/Master(s): Love Song In My Mind Instrumental (Full version)
6. Composer(s): Adam M. Greenberg, Edgar Jaude
7. Publisher(s): Freeplaymusic, Freeplaynj
8. Territory: Worldwide
9. Term: From date of creation of the Production to In Perpetuity
10. Grant of Rights: In consideration of the payment by Licensee to Licensor of the License Fee above, Licensor does hereby give and grant unto Licensee, and its successors and assigns, the non-exclusive, right, license, privilege and authority to record, edit, reproduce, and integrate the Composition(s) into the Production in synchronism or timed-relation only, for the sole, limited and restricted purpose as specifically described above in Section 4, in the Territory and during the Term, and otherwise in accordance with the terms, conditions and limitations set forth herein. Notwithstanding anything to the contrary contained in this Agreement, Licensee shall acquire no rights hereunder until actual receipt by Licensor of the applicable License Fee set forth herein.
11. Special Terms: For the sake of clarity, the license herein granted is limited to the specific use described above in Section 4 solely for the Production as described in Section 2. Additional videos, programs or uses of the Composition(s) or any of Licensor's other music in any other manner, including, but not limited to a change or addition to the Composition(s) that creates a derivative work, will require an additional license(s). The License herein grants discounted and the terms of this Agreement are to be kept confidential between the parties; Licensee specifically agrees that Licensee will not, during or at any time after the Term, either directly or indirectly, disclose to any person, firm, or other entity any information relating to the terms contained herein, except as directed or permitted in writing by Licensor or as required pursuant to legal process.
12. Cue Sheets/Media Buys: To the extent applicable in connection with the Type of Use of the Composition as specified in Section 4 above, Licensor shall prepare and provide to both Licensor and any applicable performing rights societies (e.g., ASCAP, BMI, etc.) ("PRO") all necessary cue sheets, media buys (as such term is used in the advertising industry) and/or other documentation required or requested by a PRO to facilitate a royalty payment for the Production as soon as practicable.
13. Credits: To the extent that Licensee provides credit to any third parties granting rights to the use of music in the Production similar to the rights to the Composition(s) granted hereunder by Licensor, Licensee shall accord Licensor with a comparable credit for the use of the Composition(s) on a most favored nations basis with such other third parties.
14. Licensor warrants only that it has the legal right to grant the license granted herein and all rights hereunder. Each party agrees to defend, indemnify, save and hold the other, its assigns, licensees and each of their directors, officers, shareholders, agents and employees harmless from any and all liabilities, claims, demands, loss and damage arising out of or connected with any claim by a third party which is inconsistent with any of the warranties, representations, or agreements made by the indemnitor. The indemnitor agrees to reimburse the indemnitee, on demand for any payment made by the indemnitee at any time after the date hereof with respect to any liability or claim to which the foregoing indemnity applies. Neither party shall settle any claim which would subject the other party to liability for indemnification hereunder without the prior written consent of such other party, which consent shall not be unreasonably withheld. Each party shall give the other prompt notice, in writing, of any claim to which the foregoing indemnity applies, and the indemnitor shall have the right to participate in the defense of any such claim, at its sole costs and expense. Notwithstanding the foregoing, Licensor's liability shall be limited to repaying to Licensee the License Fee paid hereunder.
15. The License Fee is to be paid in full no later than April 22, 2016. This Agreement shall automatically terminate if any payment due hereunder has not been paid in full subject to the terms and conditions of this Agreement. Notwithstanding anything to the contrary contained herein, if a payment is not made as herein provided in connection with a particular use, it is understood and agreed that termination shall void ab initio this license and shall void the releases granted in this license. The automatic termination of this Agreement pursuant to this paragraph shall render the both the past and future exhibition of the Production actionable as an act of intentional copyright infringement fully subject to the remedies provided by the Copyright Act, Title 17, of the United States Code, together with other legal and equitable remedies available to Licensor. In the case of the above, Licensor shall be entitled to retain all payments to date.
16. The rights conveyed herein are non-exclusive and any and all rights not specifically conveyed herein are expressly reserved by Licensor.
17. This Agreement shall be construed and interpreted according to the laws of New York State without giving effect to its conflicts of law rules. New York State Courts located in the state, city, and county of New York shall have the sole jurisdiction and venue over any controversies regarding this Agreement.